

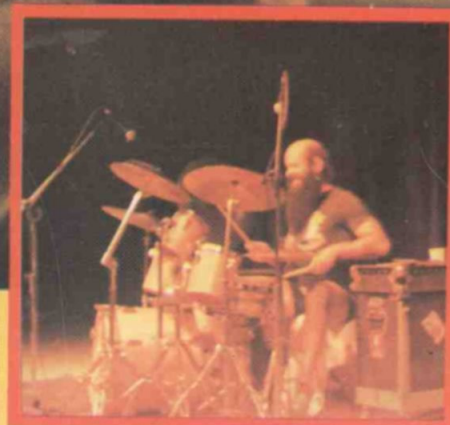
INTO
THE
Purple

nº 3



JUNHO 86

SUPER ENTREVISTA:
Blackmore



VOCE SABE QUEM E' ESTE BATERISTA ?

...E MUITO MAIS !

APRESENTAÇÃO

Saudações, Apreciadores! Desta vez temos tantas novidades para contar para vocês que quase guardamos algumas para a próxima edição. A primeira está na cara, ou melhor, na capa. Fotos coloridas eram desejo de todos e elas estão aí, a princípio só na primeira página, quem sabe possamos ampliar nos próximos números. Só que isso tem um preço: tivemos que aumentar a tiragem desta edição para viabilizar a impressão a cores. Desse modo, necessitamos de ajuda de vocês para divulgação da *Into the Purple*. Precisamos aumentar os membros da Sociedade para podermos prosseguir nessa evolução gráfica. Contamos com vocês. A propósito, gostaram do novo formato? Mas, muitas coisas aconteceram neste início de 86. A Sociedade expandiu seu campo de atuação. Em março, fizemos três especiais do Deep Purple na FM 97 (Santo André), onde tivemos oportunidade de apresentar novas coisas inéditas como *Elf*, *Last Concert in Japan*, piratas do Purple,

etc. Escrevemos um artigo para a revista *Rádio Pirata*, do nosso amigo Beto Peninha, que também sempre abre espaço para a Sociedade na sua Seção Rockambole. Ficamos também muito contentes com a reportagem da *Somtrês* de abril, que foi uma força para nossa divulgação. Queremos registrar a honestidade do trabalho da redação da revista, pois o pessoal leu as críticas que fizemos a eles e acataram da melhor maneira possível, sem revanchismos. Até fomos convidados a elaborar um poster! Sim, um novo poster do Deep Purple, desta vez feito pela Sociedade e garantimos mais surpresas para vocês, é só conferir. Mas, queremos deixar claro que, apesar de todo esse apoio, continuaremos atentos para qualquer deslize referente ao Purple & família, seja da *Somtrês* ou de outras. E, por falar em surpresas, temos uma ótima para vocês. Os Apreciadores já tem um ponto de encontro! Anotem o endereço: Rua Sale

te, 182 - Loja 3 - Estação Santana do Metrô. Estaremos lá, de preferência aos sábados, para trocarmos idéias, contarmos as últimas novidades, passar vídeos, enfim, um verdadeiro reduto púrpura (adivinhem a cor das paredes...) Estamos esperando VOCÊ!

Bem, e a número três? Ela foi baseada nos pedidos dos Apreciadores e aí está: a super-entrevista com Ritchie Blackmore! Temos também dois furos sensacionais: a entrevista com Liam Genockey e a carta do Cozy Powell. Também inauguramos novas seções, visando aproximar mais ainda a *Into the Purple* dos Apreciadores.

Vocês devem participar. Mande sua colaboração. Nós publicaremos tudo que for de interesse geral.

Bem, antes de finalizar, queremos registrar um aniversário: O NOSSO! - Um ano de Sociedade. Parabéns a todos! Façamos um brinde e Come taste the number three...



uma publicação de
Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple
Caixa Postal 2960 - Ag. Central - Cep. 01051
São Paulo - SP

Responsáveis - João "the Hootchie" Cucci Neto
&
Roberto Silva e Souza

Colaboradores - Bill Taylor, Di Mather, Rosie Hardman, Paulo César Bemfica, Sérgio Martorelli, Cássio Leite Vieira ... e COZY POWELL!

Agradecimentos - Fernando Luís Roveri (always Ready an'Willing), José Henrique Bonvino, Waldemar Campagnoli, Marco Aurélio Valentoni (the Virgin), Sérgio L. Gimenes (Broadcasting FM), Atílio Santorelli, Otávio Rodrigues, Emílio e Arnaldo (Bangor), Vitão Mamede, onde está você?

Agradecimento especial - Liam Genockey

Maxwell Smart não teve absolutamente nada a ver com este nº 3.

TOQUE - Se você é também fã de quadrinhos (Marvel & DC), entre em contato com o CONCLAVE DE QUADRINHOS. Caixa Postal 12113, Cep. 02411 - São Paulo - SP. Peça informações sobre o fanzine deles, o "Portal do Universo", dedicado aos curtidores de histórias em quadrinhos, principalmente dos super-heróis.

VOCE NÃO PRECISA MAIS IR ATÉ O CENTRO PARA ENCONTRAR TUDO SOBRE ROCK VENHA ATÉ A



COMPRA - VENDA - TROCA

AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM REVISTAS, CAMISETAS E DISCOS (NAC. & IMP.).

PERFIL: RITCHIE BLACKMORE

Atendendo ao pedido de vocês, apresentamos uma entrevista completíssima com Ritchie Blackmore. Ele respondeu a Stevie Rosen, da revista especializada americana *Guitar Player*. A reportagem que mostramos é de edição de setembro de 1978 e está reproduzida na íntegra para vocês. Para maiores esclarecimentos, introduzimos algumas observações. As que vierem acompanhadas do símbolo (*) devem ser consultadas no box do desenho de guitarra. As observações que correm o símbolo (**) estão no fim da entrevista. Esclarecemos ainda que na época da entrevista, Blackmore estava no Rainbow e havia lançado há pouco o álbum "Long Live Rock'n'Roll". Outros detalhes da vida de Mr. Blackmore serão mostrados na "História do Deep Purple", a sair no nº 4. A Seção Perfil da próxima edição trará uma entrevista com Ian Paice. Aguardem!

ENTREVISTA

Steve Rosen: *Quando você começou a tocar guitarra?*

Ritchie Blackmore: Basicamente comecei quando tinha 11 anos. Não tenho na realidade nenhum músico por parte de meus pais em minha família, mas meu pai era um tipo de matemático e ele me ajudou com as notas de um modo puramente matemático. Eu mostrava a ele uma música e perguntava: "Por que isso se parece com isso?"; e ele conseguia resolver sem entender bem da coisa, o que eu não poderia fazer naquela época. E isso é o que eu tenho feito desde que tinha 11 anos.

S.R.: *Você tomou algumas aulas?*

R.B.: Sim, quando tinha 11 anos tomei aulas de clássico por um ano. Eu pensava que tinha que começar com o pé direito e com a mão direita e senti que tinha que aprender do modo certo. Então tomei aulas por 1 ano e depois segui meu próprio caminho. Você perde sua identidade a menos que se faça por si próprio. Você tem que começar do jeito certo, mas depois disso tem que continuar com sua própria identidade, o que para mim veio mais tarde.

Suponho que meu estilo se originou do fato de eu não ser capaz de fazer as coisas pelo lado mais fácil. Preferia tocar meus próprios solos do que copiar coisas de outras pessoas.

S.R.: *Você achou a guitarra acessível?*

R.B.: Não, eu achei muito difícil no começo. Foi muito difícil mesmo, especialmente os seis

primeiros meses. Depois a coisa tornou-se muito fácil e então, depois de 3 anos, ficou novamente muito difícil.

S.R.: *Isso foi algum tempo antes de você ter sua primeira guitarra elétrica?*

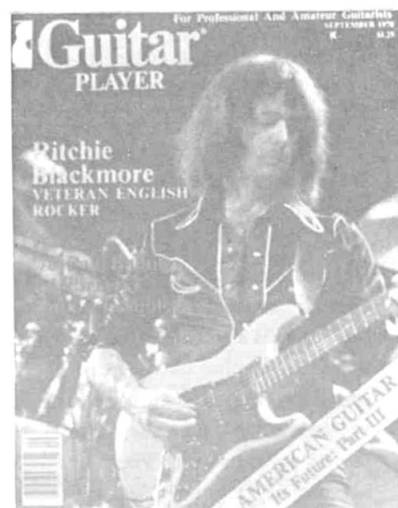
R.B.: Foi cinco anos antes. A acústica que eu usava era uma guitarra espanhola com milhares de botões.

Então comprei uma Hofner, que era uma guitarra muito fina, leve. Era uma grande guitarra. Quem dera pudesse encontrar uma hoje. Não tinha nenhum F-hole (**-1), tinha um corpo sólido. Então comprei uma Gibson Es-335 quando estava com 16 anos e fiquei com ela até 21 ou 22. Quando ouvi o som de Hendrix, aquilo me atingiu o estômago e parti para ele. Com a Gibson realmente perde-se a identidade, todos conseguem o mesmo som, a menos que sejam caras fora de série que a toquem.

S.R.: *Você tocou em conjuntos com amigos?*

R.B.: Toquei com um grupo de skiffle (**2), havia cerca de 20 guitarristas envolvidos e nenhum deles tocava direito. Tocávamos coisas de Lonnie Donegan - "Rock Island Line" e outras desse gênero. Mas primeiro eu comecei tocando no que chamam de caixa de cachorro. É um pedaço de fio atado a um cabo de vassoura, que vai através de uma caixa de chá e lhe dá certas notas e qualquer nota tocada soava como um estrondo. Então progredi para a tábua de lavar com dais e coisas assim.

S.R.: *Quando você começou a estudar*



com Big Jim Sullivan?

R.B.: Ele me ensinou quando eu tinha 12 anos. A namorada de meu irmão o conhecia e ele passou a frequentar a minha casa. Naturalmente, depois de ouvi-lo tocar comecei a idolatrá-lo. Eu estava sempre em sua casa tentando aprender coisas diferentes. Ele foi bom porque pude ver o quanto eu tinha que tentar para conseguir algo. No início pensei: "Oh, não, eu nunca conseguirei se sempre houver um cara bom como ele. Isso aconteceu porque ele morava na esquina e era como ter um gênio por perto e você acaba achando que todos são iguais.

S.R.: *Que tipo de coisas ele lhe ensinava?*

R.B.: Me ensinava o clássico, Bach, e coisas desse gênero. Me ensinou a ler melhor (música) do que eu lia. Ele me disse uma vez: "Qualquer tipo de música que você vá tocar, você deve se dedicar a ela, não seja o homem dos mil instrumentos". Então decidi que o rock era o que eu queria. O que era irônico, era que ele não praticava o que pregava. Ele tocava música country, western, clássico, tudo muito bem, mas claro, as pessoas não o conheciam. Então comecei com o rock porque ele me excitou.

S.R.: *Qual foi a primeira banda em que você teve oportunidade de se expandir?*

R.B.: Foi com os Outlaws que era um conjunto que costumava fazer muitas sessões de estúdio (**-3). Ches Hodger era o baixista - ele costumava tocar com Heads, Hands & Feets. Ficamos juntos por quase 2 anos e fizemos muitas dessas seções. Era um ótimo conjunto, instrumental, nós não tínhamos cantor. Aprendi muito nessas seções. Fiz cerca de 4 num dia quando tinha 17 ou 18 anos. Nessa mesma época Jimmy Page também trabalhava em seções. Se queriam um roqueiro chamavam Page ou eu porque havia muitas pessoas que podiam ler as partituras do rock, mas não havia muitos que pudessem sentir a música do heavy rock. Todos esses que liam não queriam saber de tocar - rock, ao passo que Jimmy e eu não liamos muito bem, mas podíamos sentir as seções.

S.R.: Para quem eram feitas as seções?

R.B.: Eram para todo mundo, mesmo para Tom Jones algumas vezes. Mas metade do tempo eram acompanhamentos, então não sabíamos para quem eram. Ocasionalmente víamos os artistas, mas os artistas não eram realmente populares, quer dizer, eram de sucesso local.

S.R.: Você usava a ES-335 para as seções?

R.B.: Sim, eu tinha um sistema para conseguir um som mais distorcido. Foi no começo dos anos 60 e eu nunca tinha visto um distorcedor, então usava um auto falante quebrado que tinha cerca de 3 polegadas e dava um som de pedal de distorção.

S.R.: Que tipo de amplificador você usava?

R.B.: Um Vox AC-30.

S.R.: Era virtualmente o único amplificador disponível na época.

R.B.: Certo, e eles eram o máximo, também. Eu ainda tenho aquele Vox. Está montado numa caixa Marshall.

S.R.: Você participou de sessões por quanto tempo?

R.B.: Por cerca de 2 anos quando

fui para a Alemanha, onde também participei de sessões e fiquei um bocadinho de tempo lá, quase 3 anos. Então Deep Purple começou a aparecer.

S.R.: Você usou a ES-335 nos primeiros anos do Deep Purple?

R.B.: Sim, nos primeiros 2 anos. Eu a usei nos dois primeiros álbuns: Shades of Deep Purple e The Book of Taliesyn.

S.R.: Seu trabalho com Screaming Lord Sutch foi antes do Purple?

R.B.: Sim, eu me esqueci disso. O Screaming Lord introduziu-me no mundo dos shows. Antes eu tocava nos bastidores e quando o encontrei ele me puxou para a frente e protestando eu pulava ao redor do palco e agia como um estúpido. Minha primeira impressão dele foi pensar que ele era maluco. Naquela época ninguém tinha aquele tipo de cabelo comprido e Deus sabe quanto eram compridos. Ele tinha sua própria maneira de ser. Tinha uma banda fantástica, uma banda incrível.



S.R.: Quem estava na banda com você naquela época?

R.B.: Ricky Benson, que mais tarde juntou-se a Georgie Fame e Carl Little (** 4) que os Stones queriam e ele os rejeitou

- ele se arrepende disso até hoje. O pianista Nicky Hopkins nos acompanhava em todo lugar porque morávamos perto.

S.R.: Como foi que aconteceu aquele álbum de Sutch, Hands of Jack The Ripper?

R.B.: Sutch ligou-me e disse: "Você gostaria de tocar amanhã à noite?" Eu concordei e fui com Matt Fisher (organista) do Procol Harum e passamos a noite tocando. Eu vi todo aquele equipamento de gravação e pensei: "Ele está aprontando de novo". Ele pagou US\$500 por tocarmos aquela noite.

S.R.: Você começou a desenvolver seu modo de se apresentar no palco com Sutch?

R.B.: Sim, ele puxou-me para o palco e tomei um ligeiro choque porque ele havia pegado no microfone e em mim. Depois pensei que, se ele se saía bem com isso eu também poderia porque pude ver como ele ia bem e quanto dinheiro estava ganhando. Pensei: "Posso correr ao redor do palco e agir como um maníaco. Talvez eu seja pago por isso também".

S.R.: Você usava um amplificador Marshall no começo do Purple?

R.B.: Não, eu usava ainda o Vox. Ele zumbia como um louco. Mudei para o Marshall 8 anos atrás. Eu conheci Jim Marshall. Quando vi o aparelho Marshall gostei de seu jeito. O desenho era bom mas o som era horrível. Então fui até a fábrica porque conhecia Jim e disse: "Olhe, quero esta e aquela modificação". Tocava em frente de todas as pessoas que trabalhavam na fábrica. Havia mulheres na linha de montagem e assim eu consegui um amplificador aumentado para 400 watts. Então eu continuava tocando para aquelas pessoas e eles tentavam fazer o que eu queria. Dizia: "Não está bom, mais agudo" e eles tiravam um resistor. Tinha que tocar à toda, do contrário não sabia de que jeito o som sairia. As pessoas da fábrica me detestavam.

S.R.: Você mudou para uma Fender Stratocaster para o 3º álbum, "Deep Purple"?

R.B.: Acho que sim. Na realidade a Strat que usei pertencia a Eric Clapton. usei e gostei do som dela. Era bem aguda, mas impossível de se tocar. O braço (*) estava empenado, era realmente ruim. Ele (Eric) tinha jogado-a em sua casa e quando a vi ele me disse: "F1 que com ela".

Tinha um grande som para pedal de wah-wah, porque era bastante aguda, mas muito difícil de ser tocada porque estava empenada. Achei que era uma guitarra interessante naquela época, embora não tivesse todas as oitavas.

S.R.: *Você usou de fato aquela guitarra no 3º álbum?*

R.B.: Sim, há uma faixas onde ambas as guitarras - a ES-335 e a Stratocaster são usadas. Mas não lembro quais músicas foram tocadas com quais guitarras.

S.R.: *Você achou dificuldade na mudança da Gibson para a Fender?*

R.B.: Sim, a transição foi realmente dura. Achei grande dificuldade nos primeiros dois anos. Com uma Gibson você corre para cima e para baixo (os de - dos) mas com uma Fender você tem que fazer cada nota calculada. Você tem que fazer a nota cantar ou de outro modo não funciona. É mais gratificante, porque com a Gibson ninguém tem uma identidade, como já disse antes.

S.R.: *Já ouviu gente como Eric Clapton e Jimmy Page usando a Les Pauls (** -5)?*

R.B.: Eu procurava uma Les Pauls quando pela primeira vez vi Albert Lee tocar. Ele é provavelmente um dos melhores guitarristas do mundo. Eu o ouvi tocar pela primeira vez uma Les Pauls em 1960. Foi quando eu queria uma. Quando ela se tornou popular e todo mundo tinha eu desisti dela. Mas eu gostava do Les Pauls e da Mary Ford. Eu tinha todos os seus discos. Curti Les Pauls por quatro anos. Chet Atkins era outro guitarrista que todos gostavam, mas seu som atacava um pouco meus nervos. Achei que Les Pauls era muito

melhor guitarra e Mary Ford muito melhor para se olhar.

S.R.: *Você ouviu o álbum com Les Pauls e Chet Atkins: Chester and Lester (RCA - APL 1-1167 - **6)?*

R.B.: Sim, fiquei muito impressionado. Gostaria de um dia encontrar Les Pauls. Como ele eram Scotly Moore e James Burton, que foram minhas principais influências. Eram guitarristas de verdade e não "Posers" (** 7).

S.R.: *E sobre o álbum Green Bull - frog? (** 8)*

R.B.: Eramos eu, Albert Lee e Jim Sullivan. Ian Paice e Roger Glover também estavam e quem mais estivesse por ali na época. Acho que Tony Ashton também. Foi horrível, desgostoso. Foi feito num dia e ninguém sabia o que estávamos fazendo. Foi embaraçoso. De fato nunca ouvi aquele LP.

S.R.: *É interessante ouvir quando cada um de vocês faz um solo.*

R.B.: Eu estava com meu jogo de amplificadores, Albert com seu pequeno amplificador e sua Telecaster e Jim tocando seu FINGERPICK STUFF (**-9)

S.R.: *Enquanto durou o Deep Purple você ficou com a Stratocaster e o Marshall?*

R.B.: Sim, foi difícil no começo porque não combinavam entre si. Parecia bem, especialmente o Marshall, então pensei que tinha que fazer o som do amplificador melhorar nem que fosse a última coisa que eu fizesse. Os standart (comuns de linha) são horríveis.

S.R.: *O que você fez para mudar o Marshall?*

R.B.: Eu tinha um estágio de saída extra. Não tinha nenhum grave no amplificador. Havia duas válvulas extras no estágio de saída, desse modo tinha mais saída. Aumentei sua força cerca de 250 ou 300 watts. Uso o velho amplificador de 200 watts, que não se consegue achar hoje em dia porque saiu de linha de produção.

S.R.: *Você usa amplificador de potência de 200 watts?*

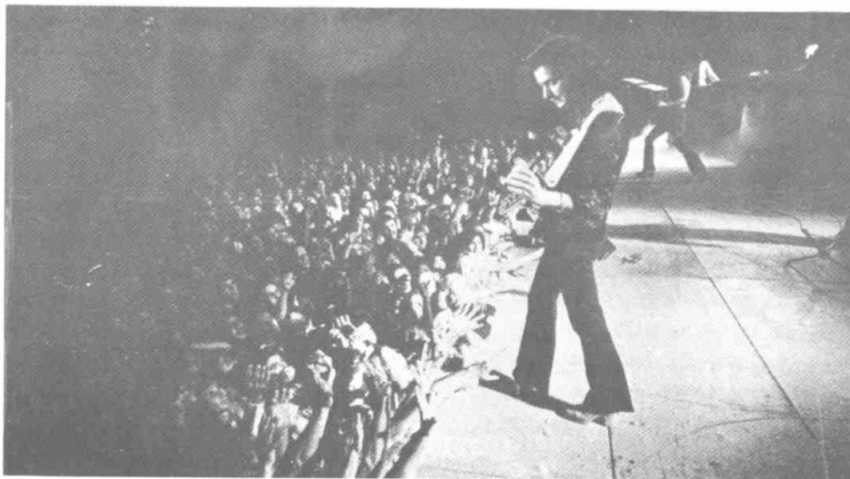
R.B.: Sim, os quais são aumentados. São os mais potentes amplificadores do mundo na sua categoria. Não estou dizendo que toco o mais alto possível, isso depende de quantos se usa. Mas na sua categoria é o mais alto. Não gosto de usar muitas caixas. Penso que duas são suficientes, do contrário o som invade tudo. Gosto de ficar longe do som, é por isso que no palco toco do lado esquerdo e coloco os amplificadores do outro lado. Assim tenho uma perspectiva do que está acontecendo, do contrário tudo que você ouve é você mesmo, e se tende a ter repostas e sobretons que não se deseja.

S.R.: *Você usava um jogo de amplificador e mais tarde adicionou um segundo?*

R.B.: Sim, tenho o outro como reserva, mas não o uso, somente se o primeiro estoura.

S.R.: *Você os estoura frequentemente no palco?*

R.B.: Sim, ultimamente sempre. Não sei porque, é a saída do transformador que estoura. É



como um carro excepcionalmente regulado, você espera que ele não quebre. Realmente o forço bastante.

S.R.: *Você usa o mesmo conjunto de guitarra/amplificador no estúdio?*

R.B.: Sim. Na realidade eu não toco no estúdio. Tenho uma pequena que toma meu lugar. Jim Page faz isso para mim (** - 10).

S.R.: *Há alguns solos que fez no Deep Purple que ainda permaneceram em sua mente?*

R.B.: O solo de "Highway Star" (Machine Head) foi trabalhado. Tem arpejos baseados em Bach. Machine Head como um todo, de fato, tem boas coisas. O solo de guitarra de "Pictures of Home" foi bom. Mas quando ouço aquilo tudo, comparado com o que estou fazendo agora, há uma grande diferença. Está muito melhor agora. Eu não tinha o controle que tenho agora. Acho que o solo do "Gates of Babylon" - (Long Live Rock'n Roll) é o melhor solo que já fiz. É o melhor porque é o mais completo e ao mesmo tempo não é puramente técnico. Fui feliz ao fazê-lo.

S.R.: *Foi um solo espontâneo?*

R.B.: Sim, foi e também não eram somente 24 compassos tocados só em mi. Havia tantos acordes estranhos envolvidos que não consegui voltar ao meu modo anterior de tocar, o qual era ter os acordes em frente a mim e tocar o solo, ao passo que agora sempre que vou ao estúdio sei tocar exatamente o que consiste a canção. Normalmente uso somente dois acordes e fico nervoso quando vou ao estúdio. Mas pegamos todos aqueles acordes e, de fato, David Stone, nosso organista ajudou um bocado. Eram acordes estranhos, reduzidos, aumentados - foi grande, porque gosto de teoria musical e eu ia bem naquilo. Não tive qualquer problema com esse lado. Gosto de tocar um pouco aumentado e correr para diminuir e não aquele tipo usual de blues lambidos.

S.R.: *O que achou do álbum que Deep Purple fez com orquestra?*

R.B.: Não gostei. Gosto de clássico mesmo, clássico puro. Aquele álbum era só um compromisso. A orquestra nunca tocava o seu melhor e o melhor que tocava certamente estava fora de profundidade. Gosto de música de câmara, mais ainda de música medieval, do que de grandes orquestrações.

S.R.: *O que acha dos dois álbuns gravados ao vivo do Deep Purple: Made in Japan e Made in Europe?*

R.B.: Nunca os ouvi, estão velhos, mortos e enterrados. Acho que os dois discos como LP's gravados ao vivo são lixo, mas comparados a todos os álbuns gravados ao vivo de outras bandas, acho que foram brilhantes.

S.R.: *E sobre o álbum gravado ao vivo do Rainbow, On Stage?*

R.B.: Estava terrível quando fizemos. Tínhamos que ter alguém para entrar e salvar as fitas e dar-lhes um som melhor. Elas soaram horríveis. Não sei, há algo em se gravar ao vivo que não funciona. Tenho alguns cassetes em que tocamos realmente bem, mas assim que a luz vermelha acende e começamos a gravar, tudo torna-se comprimido e não há jeito de melhorar o desempenho.

S.R.: *Havia boas músicas em "Burn".*

R.B.: Sim, porque tínhamos ficado fora um ano e eu tinha entusiasmo em começar novamente. Logo antes eu estava pronto para sair. Estávamos trabalhando e nos flagelando para a morte. Eu estava doente o tempo todo. Por sorte, trocamos dois membros do conjunto e conseguimos sangue novo. Assim, novamente "Burn" tornou-se grande e Stormbringer ficou um pouco mais esquivo, espiritual e macio.

S.R.: *"Mistreated", em Burn, foi uma boa música.*

R.B.: Sim, foi influenciado por "Heartbreaker" (Heartbraker, Island 9217) do Free. Inspirei-me em músicas de outras pessoas e escrevo algo vagamente parecido.



S.R.: *De fato, não foi cogitado de Paul Rodgers, vocalista do Free, unir-se ao Deep Purple?*

R.B.: Sim, é certo, ele ficou por quase uma semana, mas acho que alguém queria cortar-lhe as pernas se ele soubesse do Free e ele não saiu. Acho que ele tinha um jeito diferente de cantar, ele não queria seguir Ian Gillan e toda aquela gritaria. Rodgers não dava para aquilo, ele era mais dos blues.

S.R.: *Parece que Ian Paice realmente o empurrou como músico.*

R.B.: Sim, eu olhava para ele algumas noites, para ver se conseguia me entusiasmar um pouco.

S.R.: *Em que é diferente tocar com o baterista Cozy Powell como opositor de Ian Paice?*

R.B.: Ian toca com 1 batida certa. Cozy sempre toca na frente do ritmo e me puxa o tempo todo.

S.R.: *Você usa o braço da guitarra de Pau-Rosa?*

R.B.: Sim, o braço de bordo (** - 11) quebra porque é mal feito. É tão mal feito que causa desgosto.

S.R.: *De que ano é a Stratocaster que você está usando?*

R.B.: Acho que tem 2 anos de idade. É uma entre dez que tem o braço estreito.

S.R.: *O que você faz numa guitarra quando a compra?*

R.B.: Eu dou uma de escultor. Normalmente eu cubro os trastes (*) Fender com fita ou ponho trastes Gibson, e então eu lixto a madeira até que dê para eu enfiar meus dedos por baixo das cordas. Tenho o desempenho da guitarra bastante alto, assim tenho mais controle, mas dentro do racional. Quero dizer que quem toca jazz

tem o desempenho da guitarra muito alto e é realmente esnobismo musical.

S.R.: *Os trastes da Gibson têm um perfil mais largo que as da Fender?*

R.B.: Sim, têm. Gosto de trastes grandes, mas notei que nos últimos dois anos tenho usado mais as Fender.

S.R.: *Você usa tarrachas (*) Fender?*

R.B.: Não, uso os Schallers. Engrachado, nunca vi ninguém fazer isso antes de mim e olha que faço isso há anos. Agora, todo mundo faz. Eu me pergunto porque.

S.R.: *Você mudou o suporte das cordas?*

R.B.: Não, porque é somente para sustentar uma nota aberta. Uma vez que você toca a nota no 1º traste você depende do 1º traste e não do suporte. Embora o baterista Buddy Miles me dissesse que Hendrix usava um suporte de latão.

S.R.: *você mexe nas ligações das su as guitarras de algum modo?*

R.B.: Não, mas algumas vezes as iso lo com cobre por dentro para cessar o zumbido e isso é tudo. Não uso o captador (*) médio de modo algum. Me livro dele e reajusto os outros dois. Tenho só o grave e agudo, branco e preto, é o que gosto.

S.R.: *Quantas molas você usa na barra vibratória (vibrato bar) (*)?*

R.B.: Quatro. Tenho um amigo que equilibra o braço. Ele afrouxa os parafusos da extremidade da ponta e coloca tudo num ângulo diferente e consegue um perfeito equilíbrio. E explê

dido, você não consegue desafinar. Nunca achei que isso funcionasse, apenas fechava e esquecia. Agora puxo e empurro a barra vibratória e desce uma oitava inteira quando é empurrada.

S.R.: *Você tenta conseguir ajustes entre as 3 posições maiores no interruptor toggle? (*)*

R.B.: Não, há um pouco de cinza nele.

S.R.: *Que tipo de arranjos você usa na guitarra e no amplificador?*

R.B.: Nunca mexo nos controles de tom da guitarra. Estão sempre no máximo. Mas mudo o volume da guitarra do máximo para a metade quando estou fazendo um solo mais calmo. No amplificador tudo fica no máximo. Não, de fato eu faço marcações no amplificador, mas é muito difícil dizer, porque eu não posso compará-lo a coisa alguma. Em alguns amplificadores tenho o controle de presença grave. Uso um bocado o médio porque detesto aquele guinchado, é um pouco penetrante demais. Uso um agudo médio e o volume é a metade. Se fosse alto poderia pegar fogo.

S.R.: *Você usa os falantes de reserva nas caixas?*

R.B.: Sim, todos que existirem.

S.R.: *Alguma vez experimentou outros amplificadores?*

R.B.: Tentei todos os tipos diferentes de amplificadores, mas eles eram claros demais. Gosto de um pouco de distorção, a qual é controlada através de meu gravador. Construí meu próprio gravador, bem, não o construí, mas o modifiquei de

um gravador regular para uma unidade de eco. Ele serve tanto de pré-amplificador quanto o sinal que vai para o amplificador. Se quero um efeito distorcido simplesmente aumento o estágio de saída do gravador.

S.R.: *Pode ser mais específico em explicar como isso funciona?*

R.B.: Somente capto no gravador, então grava, e é como um contínuo eco porque não consegui aquele eco com qualquer câmara de eco. Um contínuo bum, bum, bum se repete. A maioria das câmaras de eco são horríveis. O gravador não interfere com a nota que você está tocando.

S.R.: *Que tipo de gravador é esse (** -12)?*

R.B.: Realmente não sei. Tentei usar um Revox e não deu certo. Realmente ficarei em maus lençóis se alguém roubar meu gravador. Eu o tenho usado nos últimos 4 ou 5 anos.

S.R.: *Como você teve essa idéia?*

R.B.: Eu costumava fazer isso em casa. Pegava meu gravador e usava como um eco. Então achei que se podia usar em casa, podia usá-lo no palco e soou legal.

S.R.: *Como é engatado exatamente?*

R.B.: Há um fio vindo da guitarra que vai para a entrada do gravador e o estágio de saída o leva de volta ao amplificador. E posso controlar o volume também. Posso tê-lo alto sem distorção ou vice-versa. Tenho um pequeno pedal com o qual posso parar ou continuar. Uma porção de gente pensa, quando vê a fita funcionando que os solos são gravados. Muitas pessoas perguntam isso. Um cara gritou em N.Y. "Tire o gravador fora". Aquilo me inspirou, eu o desliguei e realmente ficou um zumbido louco.

S.R.: *Você usa qualquer outro pedal ou efeitos?*

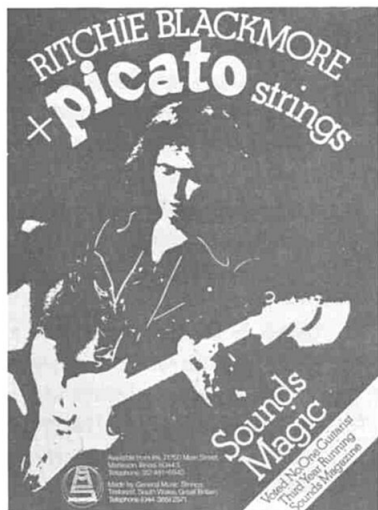
R.B.: Não, bem, uso pedais de baixo. Somente os tenho usado nos últimos 6 meses. Quando a banda decide que não quer tocar, posso fazer meu próprio arranjo. É muito interessante porque eles são um desafio.



Algumas vezes funcionam, outras não, mas é o risco que você corre. São bastante altos e graves.

S.R.: *Que tipo de palhetas e cordas' você usa?*

R.B.: Uso palhetas de casco de tartaruga, com uma ponta quadrada e outra em ponta. São feitas especialmente para mim ' porque não se encontram de ' jeito nenhum. Uso de casco de tartaruga porque as de plásti co são muito moles. Gosto delas duras. Uso desse formato' desde que tinha 11 anos, não consigo tocar com aquelas redondas que todos usam, porque quando você pula uma corda ' tende a raspar na outra. Com' esta dedeira toca-se mais rã pido. Uso cordas Picato, sempre as usei, são as melhores. Eric ' Clapton as indicou para mim.' Agora ele está usando as Fender, não sei porque. Ernie ' Ball tem o monopólio das cordas, eu nunca saberei o por que. As medidas que uso são: ' .010, .011, .014, 1026, 0036 e .042.



S.R.: *Há certas escalas com as quais você gosta de tocar?*

R.B.: Sim, gosto de Fã sustenido e Rê maior. Mi é aborrecido. ' Não uso muito o Dô, é um pouco ôbvio demais, muito ressonante. Fã sustenido é mais pa ra Blues. Rê maior lhe dá o inteiro comprimento do braço' para boas notas abertas.

S.R.: *Você usa técnicas especiais' de microfone (micking) no es túdio?*

R.B.: Tenho um microfone no estú dio e um na câmara de eco, ' normalmente. Ambos são arma dos, mas não muito próximo.' Ficam separados cerca de 9 pés, porque são muito poten tes. Toco perto do estágio ' de volume no estúdio porque ' o amplificador somente funci ona à toda - não posso usá - lo com metade do som.

S.R.: *No estúdio você grava pri meiro os canais com a base e depois os solos?*

R.B.: Detesto gravar as bases, me aborreço muito. Essa é a ra zão porque meu fundo musical' é tão frio. Me aborreço ten tando conseguir o ajuste cer to entre bateria e baixo. Sô' gosto quando entro com minha' parte, porque se alguém gosta disso sou eu. Mas eu não pos so terminar e dizer: "Jã fiz' minha parte" porque o baixo ' diz: "Oh, me perdi" e você to ca novamente e o baixista en tão toca direito, aí é a vez do baterista se perder. Claro que na 10ª vez você começa a gritar com todo mundo e então é você que se perde. E é isso aí. Você está com os nervos ã flor da pele nessa hora. Todo mundo está estafado. Você se torna uma combinação de coi sas: irritado, estafado, preo cupado, pensando que nunca ' conseguirã terminar. E é tão' simples, é algo que poderia ' ser discutido em um minuto. ' Mas colocar tudo isso numa fi ta é um desespero. Essa é a - razão pela qual não gosto mu ito de gravar. É tudo muito ' técnico. Muitas pessoas gos tam disso, eles editam as mû sicas, juntam tudo e fazem a música ficar boa, mas quando' tocam ao vivo se perdem. Meu modo de pensar é o oposto. ' Gosto de ter aquela liberdade de subir ao palco e tocar o que quiser, tocar a qualquer' hora. Toco as músicas programadas, mas entre as músicas, se es tou me sentindo bem, toco ' coisas completamente diferen tes, que nunca toquei na vi da. Em outras palavras, sô ' sigo a parte vocal e então '

faço minha parte quando che ga a vez do solo. Não gosto' de fundos intrincados, não ' gosto de abarrotamentos, gos to do fundo como um alicerce, um suporte para ser mais cla ro.



S.R.: *Você pratica?*

R.B.: Sim, muito. Tenho que prati car. Quando estou em casa to co violoncelo e rabeca (tipo de violino) mas quando em ' tournêe normalmente pratico' meia hora ou uma hora antes' do espetáculo. Sempre acho ' que vai ser um bom espetâcu lo e eu quero impressionar.' Realmente pratico, de outra' forma não conseguiria. Mas ' estou sempre com uma guitarra e estou sempre dedilhando-a. Mas isso pode ser ruim porque a gente acaba se tornando len to, principalmente com uma gui tarra como a minha velha gui tarra espanhola com cordas de nylon. Costumo pegã-la e sen tar-me dedilhando-a. É como' um artista e seu pincel, você não deve espalhar as cores mu ito lentamente. Se você vai to car tem que tocar o mais rãpi do que puder. Isso é difícil porque a guitarra é um grande instrumento para você simples mente se sentar e dedilhã-la e cantar velhas canções dos Beatles. É a pior coisa que po de fazer.

S.R.: *Há coisas específicas que você pratica?*

R.B.: Não. Pratico rios de coisas, tento e me perco na guitarra. Não acho que se deve pensar de mais no que se está tocando.' Muitas vezes quando estou to cando não sei o que estou fa zendo ou aonde estou. Somente toco a guitarra, ao invés de

ficar olhando cada nota e pensar que é um mibemol. Outras vezes eu paro completamente e só sai um oh! de frustração. Agora, se vem a inspiração, sendo um extremista, vai do totalmente sem inspiração para o completamente inspirado.

S.R.: *A rapidez e a precisão vieram com a prática?*

R.B.: Sim. Acho que porque sempre uso quatro dedos e a maioria das pessoas usa três. Quando comecei me ensinaram a usar meu dedo mínimo e claro, é o que tenho feito desde então. Jeff Beck usa os quatro dedos, obviamente lhe ensinaram o modo certo. É engraçado, se você não aprende isso no começo está perdido. Você deve aprender do modo certo.

S.R.: *Você gostaria de unir-se a outro guitarrista num álbum?*

R.B.: Não, particularmente não. Não me importaria com isso se fosse para um LP de blues e somente improvisar como fiz com Sutch. Sempre toco com meus amigos e toco muito melhor do que no disco ou em qualquer outro lugar, porque não existe aquela pressão, são 12 compassos e é isso. Sem enfeites de imaginação. Mas assim que alguém diz: "Bem, vamos gravar" e a luz vermelha acende é horrível. Minha mente se atrapalha e me torno subitamente exausto.

S.R.: *Como descreveria sua técnica de mão direita?*

R.B.: É para cima e para baixo. Gente como Alvin Lee toca errado porque toca sempre para baixo. É muito difícil tocar assim. É uma técnica importante de se ter. Sempre sento no camarim e pratico com movimentos para cima e para baixo, mudando de uma corda aberta para outra. E isso é muito difícil. O solo de "Highway Star" é aquele movimento rápido para cima e para baixo. A mão direita realmente não faz muita coisa, mas soa bastante rápido. É como um violinista ou violoncelista.

S.R.: *Jethro Tull é um de seus conjuntos favoritos?*

R.B.: Não diga mais nada. Ian Anderson é um gênio, especialmente seus últimos trabalhos. É revoltante pensar como ele escreveu aquele material. Seu guitarrista, Martin Barre e o resto do grupo têm memórias de computador para lembrar tudo. Admito que não gostaria de estar naquele conjunto e tocar a mesma coisa toda noite, mas adoro vê-los. Eu os vejo pelo menos quatro vezes por ano. A última vez que os vi foi em Paris e eles me puseram na fila da frente. Pensei: "Porque eles querem que eu sente na primeira fila, exatamente em frente de Ian Anderson?" Então, quando chegou o último número da noite, Ian desceu do palco, ficou ao meu lado e começou a cantar pra mim. O spotlight estava em cima de mim e eu tentava parecer frio, porque minha namorada estava comigo.

Sempre que sai um LP novo deles eu digo: "Espero que não seja tão bom quando o resto," assim me sentiria um pouco melhor, porque não consigo esquecer como eles. E é claro que Ian vem com outro truque. Ele fica muito envolvido quando escreve uma sinfonia. Barrie Barlow, o baterista, não consegue uma batida contínua. Martin é engraçado, tem uma boa memória, mas não aprendeu a improvisar tão bem, eu acho. Não se pode dizer nada contra ele porque é um cara legal. John Glascock é um baixista brilhante, o melhor do rock. Rainbow procurou pegá-lo, mas não conseguimos. Como baixista Timmy Bogart é grande e Jack Bruce é grande tanto como baixista quanto vocalista.

S.R.: *Parece que os baixistas e organistas que trabalharam com você nunca estiveram à sua altura.*

R.B.: Certo, é verdade. Rainbow é uma banda de 3 peças realmente, sempre foi e será, espero. Bob Dyls foi o melhor baixista que pude encontrar e eu procurei um bocado. Não há muitas pessoas que queiram tocar só rock. Parece que os ca-



ras bons que aparecem estão só interessados em jazz.

É muito limitante e desafiador tocar rock, como você sabe. Você tem um conjunto de cordas e não se pode fazer aumentos, enquanto que no jazz você tem uma escala inteira. Mas vale a pena, uma vez que você encontre respostas no rock você conseguirá uma boa música.

Para mim não há possibilidade de me envolver com jazz. Você tem que se dar muito a ele. É uma música para músicos e eu gosto de tocar para o povo.

S.R.: *Você acha que seu modo de tocar mudou desde o Deep Purple?*

R.B.: Sim, escutei algumas coisas dos Purple e acho que estou melhor que naquela época. Era muito incompleto e muito técnico. Naquela época eu fazia o melhor que podia, porque tínhamos 3 semanas para fazer um LP e havia muitos egos envolvidos. Mas eu pensava como Jeff Beck, eu nunca estou contente com o que estou fazendo. Eu não consigo me entusiasmar quando falo sobre mim mesmo. E é por isso que não posso falar sobre alguém mais, nem mesmo para piçar. É por isso que não dou entrevistas - o que falar sobre você mesmo? "Faço isso e aquilo", "Sim, nosso novo LP é grande"

e estamos excursionando". Todos vêm com o mesmo papo: "Com seu novo LP vocês estão tomando um novo rumo?". Não estamos indo a direção alguma, somente continuamos. Se as pessoas não gostam do nosso trabalho, então ele é muito ruim. Certamente não mudaria o fato dos rádios tocarem o que vêm tocando nos últimos três anos - todos os Fleetwood Macs e Eagles e todo esse negócio.

S.R.: *Você não gosta daquele tipo de música?*

R.B.: De jeito nenhum. Gosto de intensidade e drama. Se escuto música para relaxar é música medieval e clássica. Não há intermediários.

S.R.: *Há outros projetos nos quais você esteja envolvido?*

R.B.: Tenho procurado fazer qualquer outra coisa, mas gostaria de fazer junto com o conjunto Carmen. É o estilo flamengo, mas no rock. Deve ser interessante fazer uns solos selvagens com aquele estilo. Nunca me entusiasmei com muitos conjuntos, mas eles são realmente interessantes.

S.R.: *Você dá muita atenção ao que os críticos falam de você?*

R.B.: Nunca leio revistas, porque se disserem que você é bom, então você acha que eles estão errados e se disserem que você é ruim então é porque sou bom. Você tem que acreditar em você mesmo. Ouço os amigos que são fãs. Se um fã vem e diz: "Gosto de sua música, mas acho que é um pouco..." Eu ouvirei, essa é a minha crítica. Mas pessoas que escrevem eu não ouço. Estão a fim de fazer nome.

S.R.: *Você gosta de tocar com outros guitarristas?*

R.B.: Particularmente não. Acho que uma guitarra só é suficiente, a menos que você esteja naquela de conseguir boas harmonias, o que não é o meu caso. Sou apenas um guitarrista espermático. Estou na de improvisar. Não estou querendo fazer coisas certinhas. Essa é a razão pela qual não toco com outros guitarristas.

S.R.: *Acha que seu modo atual de tocar é tão bom como sempre tem sido?*

OBSERVAÇÕES

(** -1) F-Hole: referência ao formato dos "furos" existentes nas guitarras acústicas, como a Gibson ES-335. Verifique Blackmore com ela em uma das fotos do Álbum "In Concert", do Purple.

(** -2) Skiffle: estilo musical muito popular na Inglaterra na década de 50, que se assemelhava ao Rock'n'roll, só que era tocado com instrumentos acústicos como baixos de uma corda só. A exemplo do Punk, qualquer um poderia ter uma banda de Skiffle. Uma delas foram os "Quarrymen", depois rebatizados "The Beatles".

(** -3) Sessões de estúdio: essas sessões a que Ritchie se refere, são trabalhos temporários para artistas que precisam de músicos profissionais para acompanhá-los na hora de gravar um disco.

(**) - Carl Little tocou também com Lord no Flowerpot Men (Into the Purple nº 2)

(**5) - Les Pauls - Modelo de guitarra Gibson, que leva o nome do guitarrista de mesmo nome. Na resposta de Ritchie, existem referências tanto à guitarra quanto ao guitarrista Les Pauls.

(**6) - As numerações do texto referem-se às edições americanas.

(**7) - "Poser" - Referência a um tipo muito comum de guitarrista do Rock de hoje, que fazem mais pose do que realmente tocam...

(**8) - Green Bullfrog - LP com a presença dos músicos citados,

R.B.: Acho que é muito melhor. É a única coisa positiva que posso dizer sobre isso.

que não apareceram nos créditos do disco quando ele foi lançado. Os músicos eram identificados por apelidos. Maiores detalhes futuramente na Into the Purple.

(**9) - Fingerpick Stuff - Acreditamos ser referência ao estilo de Jim Sullivan, que costuma "beliscar" as cordas.

(**10) - Obviamente trata-se de brincadeira...

(**11) - Pau Rosa - um dos tipos de madeira usado nos braços da Fender. Bordo - espécie de árvore.

(**12) - Vocês podem conferir a presença deste gravador numa das fotos internas do "Rainbow on Stage".



- 1- TARRACHA
- 2- TRASTE
- 3- CHAVE TROGGL
- 4- VIBRATO BARR
- 5- CAPTADOR
- 6- BRAÇO

PEÇAS DE COLEÇÃO

Apresentamos a vocês esta nova seção, que vai a cada número focalizar um disco importante na história do Purple, concentrando-se nos álbuns inéditos e/ou raros. Para esta estreia, escolheremos o disco chamado "Deep Purple", que não raro é chamado erroneamente de "In Concert" (são discos distintos!). Para o número seguinte, estamos pensando no "Last Concert In Japan", mas vocês é quem mandam! Escrevam sugerindo a sua preferência.

DEEP PURPLE

Este é o 39º disco na carreira do Deep Purple. O último a contar com Rod Evans e Nick Simper. Lamentavelmente é o único disco oficial do grupo não lançado no Brasil. Gravado entre Dez/68-Jan/69 e lançado em Novembro de 69, tem características próprias, como a quase totalidade de canções compostas por membros da banda. Outra característica acentuada está na performance dos músicos. Blackmore, Lord e Paice já estavam bem mais seguros, dando chance para que seus talentos individuais fossem mais ressaltados. Isso se reflete no próprio som do disco, mais para o progressivo e menos para o psicodelismo de "Shades of" e "Book of Taliesyn".

O disco abre com "Chasing Shadows". A faixa é dominada por Paice num interessante trabalho de percussão. Ian toca além da bateria, timbales, maracas e o "cowbell" (sino de vaca). A letra trata sobre uns pesadelos de Lord e conta com um solo de Ritchie onde a guitarra está ligada a algum tipo de pedal wah-wah. Uma composição um tanto fraca para uma abertura de disco.

Segue-se "Blind". É uma balada romântica, destacando-se desta vez Lord, que toca Harpsicord. Novamente um pedal na guitarra de Blackmore, que participa com um solo curto e que juntamente com o peso da bateria de Paice contrasta com a suavidade dos teclados. Essa receita faz com que essa bela canção seja um dos destaques do disco, principalmente pelo seu clima medieval, acentuado pelo Harpsicord. "Lalena" é a próxima. É a única regravação do disco. Trata-se de uma balada romântica também, mas num ritmo mais lento que "Blind". É uma composição do menestrel escocês Donovan e foi arranjada "de um modo que o autor gostasse ao ouvi-la regravação", segundo as notas internas da capa. Evans tem ótimo desempenho, provando mais uma vez que sua voz se adapta

mais a este tipo de composição.

A faixa quatro é dividida em duas partes. A primeira é "Fault Line". Foi gravada quando a banda soube que iam a Los Angeles numa época de terremotos frequentes. É uma faixa instrumental, com um sabor bem progressivo, cheia de efeitos sonoros e que pode ser facilmente confundida com os primeiros sons do Pink Floyd. A segunda parte é "Painter". Este pode ser considerado o "elo de ligação" entre este disco e os dois primeiros, pois lembra muito certas passagens de composições anteriores. Curiosamente é uma faixa gravada "ao vivo", isto é, sem efeito de estúdio, como duplicação de instrumento ou vozes. Talvez a faixa mais fraca de todas.

Bem, vamos ao lado B. "Why didn't Rosemary" é a primeira. Novamente recorreremos às notas internas para informar que ela é "vagamente inspirada numa música de Otis Spann". Paice em alguns momentos executa uma marcação "quebrada", bastante criativa e Blackmore com um longo solo valoriza esta que é uma das melhores faixas. Um bom rock.

"Bird has flown" vem na sequência. Novamente Blackmore usou um pedal wah-wah nessa versão ligeiramente diferente da que saiu nos compactos. Evans aproveita a sua voz romântica em alguns trechos para mostrar o quanto gosta de Elvis Presley. As intervenções precisas dos teclados de Lord dão um toque de classe a esta canção apenas mediana.

Mas o melhor momento do disco fica para a última faixa, "April". É uma peça em 3 partes, pontilhada de construções clássicas, uma espécie de "avant-premiere" do que foi o "Concert for Group and Orchestra". A primeira parte é executada somente por Lord nos teclados e Blackmore nas guitarras elétricas e acústicas (uma raridade!). Há também um coro, que realça o ar clássico da composição. A segunda parte é orquestral (2 flautas, 2 oboês, 1 corne inglês, 2 clarinetas, 2 violi



nos, 2 cellos e uma viola), uma composição no estilo barroco de Lord, derramando suas influências clássicas. Embora não conte com a participação da banda, é um ponto alto do disco. A terceira parte é onde entra o Purple, dando um tratamento mais rock à primeira parte, com a letra de Evans descrevendo as tristezas que o mês de Abril trazia aos membros do grupo na época.

A capa é uma reprodução preto e branco do "Inferno Musical", uma das partes do tríptico (quadro composto por 3 partes distintas) que compõe o "Jardim das Delícias", de Hieronymus Bosch. É lógico que no quadro original não aparecem nossos 5 amigos enrustidos no meio do delírio do Bosch. A parte interna da capa é um desperdício. Só contém a ficha técnica e notas sobre as músicas, sem fotos, nem letras, sobrando um enorme espaço vazio. Salientamos ainda que a primeira parte de "April" é a mesma que saiu no LP "Singles A'S and B'S", embora neste último tenha sido cortada.

FICHA TÉCNICA

- LADO A: 1. Chasing Shadows - (Lord & Paice) - 5:31
2. Blind - (Lord) - 5:02
3. Lalena - (Donovan) - 5:02
4. a) Fault Line (Lord, Blackmore, Evans, Paice, Simper) - 5:34
b) The Painter (Lord, Blackmore, Evans, Paice, Simper) - 5:34

- LADO B: 1. Why didn't Rosemary? (Blackmore, Lord, Evans, Simper, Paice) - 5:02
2. Bird has flown (Evans, Blackmore, Lord) - 5:31
3. April (Blackmore, Lord) - 12:06

Deep Purple, original Harvest SHVL 759, Nov. 1969, gravado no De Lane Lea Studios. Engenheiro: Barry Ainsworth. Seção de cordas e sopro composta e arranjada por Jon Lord. Álbum planejado e arranjado pelo Deep Purple. Diretor de Arte: M. Savino. Produção de Derek Lawrence para Edward Coletta Ltd. Fotógrafo: David Anthony

DISCOGRAFIA

Nos dois primeiros números da Into the Purple você conheceu a discografia completa de Tommy Bolin. Vamos agora partir para a relação dos compactos gravados pelo Deep Purple. Esta relação vai incluir também os EP's (EP = Extended Play, é um "compacto" contendo de 4 a 6 faixas, do tamanho de um LP) e os Maxi-Singles (compacto com uma música de cada lado, só que no tamanho de um LP. Normalmente em 45 r.p.m.) e devido ao seu comprimento, vamos dividir esta lista em algumas partes. Vamos à primeira:

COMPACTOS - MARK I

Hush/One More Rainy Day - Ambas as faixas do "Shades" (chegou em 4º lugar nas paradas dos EUA). Por incrível que pareça este compacto também saiu no Brasil, em 68:

Hush/ Kentucky Woman - Variação australiana, lançado em 68.

Kentucky Woman/Hard Road - Ambos do "Book of Taliesyn". "Hard Road" é o nome da "Wring That Neck" nos EUA. Assim como o primeiro item desta lista, foi outro grande sucesso na América.

Kentucky Woman/Wring That Neck - Compacto idêntico ao acima, lançado fora dos EUA. Muito raro.

River Deep, Mountain High/ Listen, Learn, Read On - Ambos do "Taliesyn", terceiro hit nos EUA. "River Deep" está incompleta em relação ao LP.

Emarett/Bird Has Flown - De 1968, nenhuma das duas aparece em LP's. "Bird..." foi regravada para o 3º LP (Deep Purple - veja "Peças de Coleção"), mas esta versão é diferente e única.

Emarett/Wring That Neck - Editado na Inglaterra, para substituir "Kentucky Woman" (para quem não sabe, "Kentucky" é do cantor americano Neil Diamond).

Emarett/Love Help me - Variação sueca, incluindo a antiga faixa do "Shades". - Uma explicação: "Emarett" não pertence a nenhum álbum, mas pode ser encontrada na coletânea "Singles A's and B's".

Help/Hey Joe - Sem detalhes. Editado na França.

COMPACTOS - MK II

Hallelujah/April part I - O lado A traz a primeira gravação da MK II, inclusive nessa época Glover ainda não era membro definitivo do Purple.

Concerto for Group - 1º movimento/ 2º movimento - Apenas editado para demonstração (hiper-ra-ro!) para promover o álbum. Claro que os dois lados são encurtados.

Radio Spot for Concerto/idem - Versão americana do evento acima. Ambos os lados têm menos de 60 segundos.

Black Night/Speed King - Primeiro hit na Inglaterra. Reverenciemos! Editado também no Brasil.

Black Night/Living Wreck - Variação europeia do item acima, trocando a faixa do In Rock.

Black Night/Strange Kind of Woman - Reeditado em 78 para promover o álbum "A's and B's". Editado nos formatos 7" e 12".

Speed King/Into the Fire - Ambas do "In Rock", editado apenas para aproveitar o sucesso de Speed King.

Child in Time pt 1/Child in Time pt 2 - Dividiram a música em duas partes, cada estrofe de um lado! (Estão vendo, não é só no Brasil que as gravadoras fazem idiotices). Editado na Europa, mas não na Inglaterra, onde o grupo tinha mais controle sobre a gravadora.

Fireball/Demon's Eye - Editado devido a demanda dos pedidos, mas no fim não atingiu o sucesso esperado. Por incrível que pareça, esse TAMBÉM saiu no Brasil! Quem disse que "Demon's Eye" ficou inédita até a saída do "Singles A's and B's"?

Fireball/Anyone's Daughter - Variação da Warner (EUA e Japão), ambas do LP.



Never Before/When a Blind man cries - "O lado B é melhor, disse a garota na loja. Ela estava certa. Um belo blues extraído das sessões do Machine Read" (co-mentário do Simon Robinson).

Lazy/When a blind man cries - Variação americana, com imperdoável mutilação da "Lazy". Lado B igual ao acima.

Lazy/Lazy - Esses americanos... Promocional mono/stéreo.

Highway Star/Lazy - Outra variação da Warner. Versões do M. Head. A versão japonesa traz uma bela foto para promover a turnê oriental de agosto de 72.

H. Star/H. Star - Promocional do item acima.

H. Star/S.K. of Woman - Editado no Japão em 76, tem outra bela foto na capa.

Smoke on the Water/idem - Afinal uma boa jogada da Warner. Apresenta duas versões, uma ao vivo ("Made in Japan") e outra de estúdio ("M. Head"). Quarto lugar nas paradas, mais de 12 milhões vendidos!

Smoke on the Water/idem - Versão do "M. Head" mono/stéreo!

Woman from Tokyo/Super Trouper - Warner ataca novamente, com duas faixas do "Who do we think", cortando a do lado A (Antas!)

Woman from Tokyo/idem - Já sabem, mono/stéreo.

Child in Time pt 1/pt 2 - Versão ao vivo ("Made in Japan"), dividida em duas! (esses americanos são horríveis...).

W. from Tokyo/H. Star - Reedição americana, anunciando "H. Star" ao vivo, só que não é, é a versão do "M. Head" (eu tô dizendo...)

Strange Kind of Woman/I'm alone - Gravado em Janeiro de 71, segundo sucesso da MK II na Inglaterra. Deixada de fora do "Fireball", foi essa a versão de "Strange", incluída nos LP's americanos e brasileiros no lugar de "Demon's Eye" - tiraram as dúvidas?



W. from Tokyo/Black Night - Lado A mutilado! Sabem quem fez o corte: Ian Paice! O lado B era raro até a saída do LP "Powerhouse", que trouxe essa versão ao vivo no Japão em agosto de 72.

B. Night/Woman from Tokyo - Inversão japonesa do item acima.

B. Night (Live)/S. on the Water - Reedição alemã para uma série chamada "Oldies Flash back". Lado B do "Made in Japan".

Super Trouper/Blood Sucker - Gravado para aproveitar a dissolução da MK II. Faixas dos LP's "Who do we..." e "In Rock".

B. Night/Speed King - Reedição Harvest de 1980. Lado A de estúdio e lado B ao vivo, versão do "In Concert".

SERVIÇOS

CAMISETAS - Finalmente conseguimos regularizar a situação das camisetas. Temos três modelos exclusivos - Whitesnake, Gillan e Deep Purple - Perfect Strangers. Os interessados devem solicitar catálogo ou ir até a Rock Concert: R. Salete, 182 - Loja 3 - Metrô Santana.

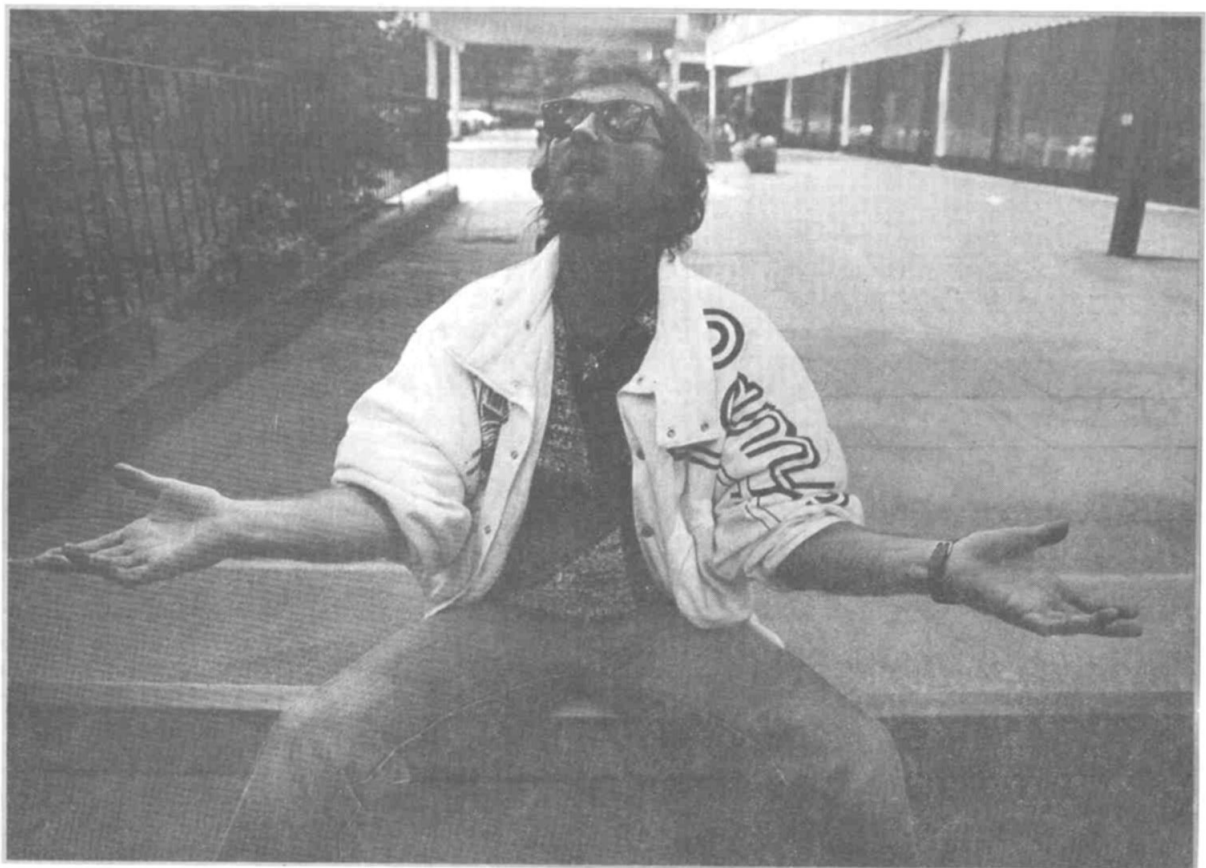
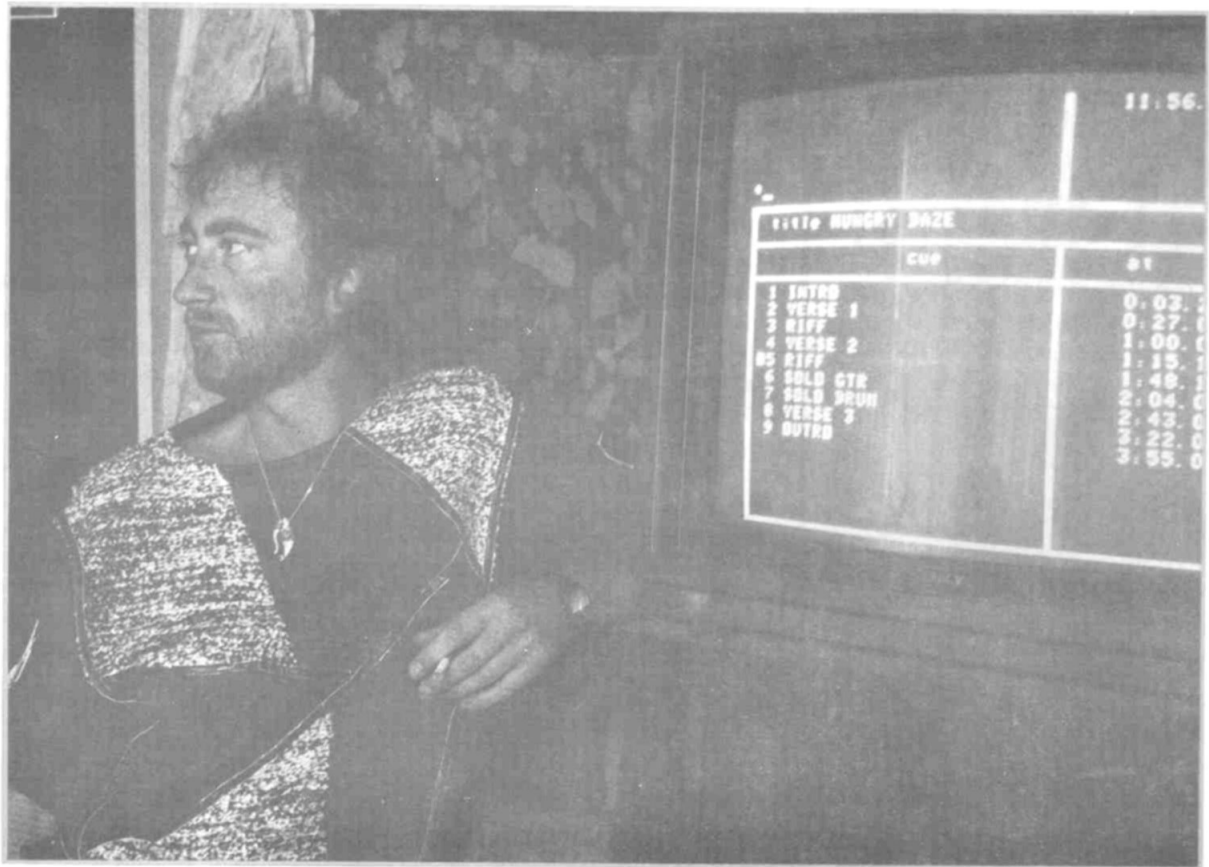
POSTERS - De agora em diante, você deve trocar os folhetos dos posters da número 2 na Rock Concert: Rua Salete, 182 - Loja 3 - Metrô Santana. Temos a intenção de editar posters exclusivos da Sociedade, a partir do momento em que tenhamos um número suficiente de Apreciadores. Colabore conosco, divulgando a Into the Purple.

DISCOS - Muitos nos escrevem querendo comprar discos. Não temos discos em estoque, só dos nossos acervos particulares, que não vendemos. Entretanto, vocês podem sempre encontrar algum material referente ao Purple na Rock Concert, rua ... bem, o endereço vocês já sabem!

GRAVAÇÕES - O nosso catálogo segue em anexo este número da Into the Purple. Catálogos adicionais podem ser pedidos pela nossa caixa postal.

NÚMEROS ATRASADOS - Ainda temos a Into the Purple nº 1 e alguns poucos exemplares da nº 2. Se você não tem alguma dessas duas edições, não perca tempo, reserve seu exemplar antes que acabem.

“PICTURES



OF HOME”



DEEP PURPLE & GEORGE HARRISON

HISTÓRIA DO PURPLE

29 CAPÍTULO: JON LORD E NICK SIMPER

"Chris Curtis apareceu um belo dia com quatro malas perguntando se poderia ficar ali por uma noite", segundo Lord, "Só que a noite acabou virando uma semana e a semana num mês".

Esse gesto de hospitalidade de Lord foi recompensado com a oportunidade dele se tornar a pedra fundamental do Purple, como veremos daqui por diante.

Lord nasceu no meio de uma família musical, em Leicester em 9 de junho de 1941. Seu pai, Reginald, tocava sax e junto com sua tia Molly, formavam um dueto (Reg & Molly) que se apresentava nos salões de baile de Leicester. Lord era levado por seu pai quando criança para esses salões, na tentativa de despertar no garoto a paixão pela música. Um velho piano de seu avô foi onde Lord, aos cinco anos, começou a experimentar seus primeiros acordes. Seu primeiro professor de piano, aos sete anos, foi Phillip Lang. Dois anos depois, mudou de professor, Frederick Alt, que foi muito importante para Lord. "Ele ensinou-me a apreciar a música e a querer tocar bem", recorda Lord. Jon continuou suas aulas de piano, teoria e composição até os 17 anos, quando ingressou no Royal College of Music. Abandonou a escola, para trabalhar como escriturário, contra a vontade dos pais e, tanto quanto a música, o teatro começou a despertar seu interesse. Frequentemente era visto no Leicester Little Theatre e também nas lojas de discos, onde gastava todo seu salário. Primeiro com os clássicos, depois o rock'n roll. Jerry Lee Lewis foi uma das primeiras influências. "Os primeiros compassos de "Whole Lotta Shakin' Going On" viraram minha cabeça. Eu fiz o diabo para que o velho piano lá de casa soasse como aquilo, mas não consegui. Foi quando percebia que havia muito rock'n roll para escutar", diz Lord.

Em setembro de 1960, após ter deixado o emprego, Jon tentou uma vaga na Scholl of Speech and Drama, em Londres. Para seu espanto, foi aceito e saiu da casa dos pais para ir morar numa pensão em Bayswater.

Jon se virava com uma bolsa de estudos, tocando em pubs num grupo de jazz e com a mesada enviada pela sua mãe, mas mesmo assim houve épocas em que chegou a passar fome. Na banda em que Jon tocava, havia um guitarrista chamado Derek Griffiths e em 1963 os dois, mais o baixista Don Wilson e o baterista Reg Dunne, formaram uma banda, primeiramente chamada The Don Wilson Combo, depois Red Blood and his Bluesicians. Quando o cantor Arthur Wood (irmão mais velho do Rolling Stone Ron Wood) entrou em 64 eles se tornaram The Artwoods e seu estilo poderoso de tocar rhythm and blues deixou-os populares nos pubs de Londres. Chegaram a gravar alguns compactos e um LP (Art Gallery), mas sem nenhum sucesso na Inglaterra. Apesar dos rhythm and blues da banda, as impro-



visações jazzísticas de Lord destacavam-no do resto e acabou rendendo a ele algum dinheiro trabalhando como músico de estúdio. Lord resolveu sair do Artwoods por "se sentir ridículo" com as roupas de gangster que o empresário da banda resolveu impor aos músicos. Jon morou com a família Wood por dois anos, até que surgisse a vaga em Gunter Grove. Lord mudou-se para o apartamento mesmo sem saber como poderia pagá-lo. Foi atrás dos trabalhos em estúdio, onde começou a se envolver com o trio vocal "The Ivy League". Em 67, "The Ivy League" tornou-se "The Flowerpot Men" e chegaram a ter algum sucesso com "Let's Go to San Francisco". Como banda de apoio ao Flowerpot, foi formada "The Garden" e Lord tornou-se seu tecladista e arranjador, substituindo o tecladista original que precisou afastar-se. Foi nessa época que Chris Curtis foi morar com Lord em Gunter Grove e começou a encher a cabeça de Jon com suas idéias sobre o Roundabout, nome escolhido para a banda de seus sonhos. Chris também sempre se referia entusiasticamente sobre um guitarrista de Hamburgo e quando Lord começou a perguntar detalhes sobre o guitarrista, descobriu que era o mesmo que Nick Simper, o baixista do Flowerpot Men sempre falava (adivinhem quem é o guitarrista...). Quando soube que Jon estava interessado no Roundabout e que o tal guitarrista seria chamado, Simper insistiu para que fosse colocado nos planos, como baixista.

Nicholas Simper nasceu em Norwood

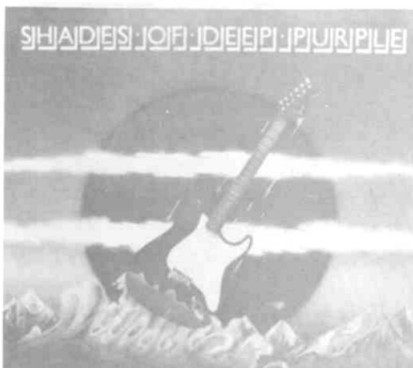


Green, Southall em 3 de novembro de 1945 e começou no rock em 1960, com uma banda na escola (The Renegades). Nick trabalhou nos 6 anos seguintes em Londres com várias bandas e foi um dos primeiros músicos a possuir um amplificador Marshall 4x12, o favorito do Deep Purple posteriormente (veja entrevista do Blackmore). Uma das bandas de Nick, The Delta Five, cruzou certa vez num pub com a banda Savages, do cantor Screaming Lord Sutch e o guitarrista desta última era o mesmo que impressionava tanto a Curtis. Era um magrinho muito agitado, também bastante requisitado em estúdios (já sabem quem é, ou não?). O grupo seguinte de Simper foi o Some Other Guys. Eles ensaiavam ao lado da casa onde ensaiava The Javelins. Nick começou a sondar The Javelins para tornar-se seu baixista, mas o vocal, Jess Thunder, dos Javelins não concordou. O nome verdadeiro de J. Thunder: - Ian Gillan (a gente não disse que esta era uma história estranha?). A primeira experiência profissional como músico de Nick foi com o Buddy Britten and the Regents, onde chegou a gravar 3 compactos, em 1965. Em maio do ano seguinte, Nick largou sua banda da época, Cyrano and

the Bergeracs, para realizar um velho sonho: tocar com Johnny Kid, um antigo ídolo seu. Kid faleceu em 7/10/66 num acidente no mesmo carro em que estava Simper. Depois disso, Nick continuou pulando de banda em banda. Em 67, Nick e o baterista Carl Little (o mesmo a quem Blackmore se refere na entrevista) foram a



a Hamburgo, no grupo de apoio de Billie Davies. Lã, apareceu uma chance para formação de um trio, proposto pelo então guitarrista do Savages (sim, é ele!), junto com Simper e Little, mas Nick não pôde devido a uma infecção na garganta. Voltando para a Inglaterra, Simper participou numa pequena seção com Lord Sutch e então entrou no Flowerpot Men. Foi lã, quando o tecladista Billy Davidson ficou doente, que Nick encontrou pela primeira vez com Jon Lord. No próximo capítulo, revelaremos quem é o "misterioso guitarrista de Hamburgo", se é que alguém ainda tem dúvidas...



TRADUÇÕES

Alguns de vocês, Apreciadores, insistiram numa coisa em suas cartas: Queremos traduções de letras! Nossa posição é a seguinte: contra. Por que? Porque tradução de letra é uma coisa muito ingrata. Além das dificuldades que o uso de gírias e expressões desconhecidas trazem ao pobre tradutor, existe o problema de você sentir o que o autor quis dizer na música, mas não conseguir traduzir. Ou mesmo se conseguir traduzir, não refletir a realidade. Algumas letras podem mesmo desiludir alguns depois de lerem as traduções, achando-as fracas ou bobas. Isso porque o casamento de sonoridade da letra com a melodia é muito importante, fazendo com que frases ou idéias a princípio infantis, fiquem ótimas ao se juntarem com a música. E isso é perdido na tradução. Vamos tomar um exemplo brasileiro: "Hey Amigo", do Terço. Quem não conhece essa música? Foi um dos poucos rocks de verdade nacionais a fazer sucesso. Mas veja a simplicidade da letra: "Hey amigo, cante a canção comigo..." Quem se importa com isso? A música como um todo é boa e isso é o que vale. Mas, uma alteração muito interessante foi encaminhada pelo Apreciador Edson Kataoka, que sugeriu que traduzíssemos os textos que acompanham alguns discos do Deep Purple. E aí está, a nota da contracapa do Shades of Deep Purple, escrita por Geoff Barton para a reedição de Abril de 77 deste disco, portanto quase um ano após a dissolução. Pela sugestão, o Edson receberá de presente o "pacote pura". O que será, heim? Mande você também sua sugestão!

"O talento combinado de cinco jovens homens estão aqui ampliados para criar em disco reinos de cores musicais como nunca foram ouvidos, em "Shades of Deep Purple".

Vocês leram as originais, amavelmente ingênuas, nota de capa da primeira edição deste álbum, editado pela Parlophone no longínquo setembro de 1968.

Agora, após quase uma década, é interessante olhar para trás e ouvir mais uma vez ao disco de estréia do Deep Purple. Apesar de "progressivo" na época de seu lançamento, hoje

"Shades of" soa cru, básico e extremamente formativo. Mas, tudo isso não importa, seu valor como entretenimento não foi diminuído nem um pouquinho pelos anos.

Este LP apresenta o triângulo musical familiar de Ritchie Blackmore' (guitarra, ex. "Screamin' Lord's Sutch Savages e Mike Berry and the Outlaws) Jon Lord (ôrgão, recém-saído dos Artwoods) e Ian Paice (bateria, remanescente do Georgie and the Rave Ons, acredite), como também dois menos conhecidos membros do Purple, vocalista Rod Evans e baixista Nic Simper. Uma banda "formada quase da noite para o dia por músicos escolhidos a dedo", grandes coisas eram esperadas do Deep Purple. E eles conseguiram sucesso além dos seus mais desvairados sonhos - "Shades Of", representando o trampolim pelo qual eles se lançaram no super estrelato.

O álbum contém tanto composições originais do Deep Purple quanto versões de canções de outras pessoas - quais, bastante diversitas, aparecem como as melhores de todas. A interpretação da banda para "Hush", de Billy Joe Royal, também gravada por Joe South, é provavelmente a faixa saliente do LP, sendo bem balanceada, agradavelmente dramática, Jon brilhando sobre o resto da banda, contribuindo com um impetuoso trabalho no ôrgão. De fato, como compacto, "Hush" levou-os às dez mais nas paradas americanas.

Uma "Help" em forma de balada (sim, a mesma canção de Lennon & McCartney) e um número de Blackmore-Evans-Lord, "Mandrake Root" seguem próximos atrás dos prêmios mais altos.

"Shades Of" apresenta o Deep Purple em suas mais leves, mais claras, mais puras cores - cores que se tornaram depois mais escuras e se apagaram para sempre. Ouça o álbum e aceite como ele é, uma primeira gravação de uma vigorosa, ambiciosa banda nova cujas idéias musicais floresceram mas não tiveram seus proveitos completamente alcançados. E aprecie-o.

AGUARDE: GILLAN, VEM AÍ

LETRAS BURN

Como dissemos no número passado, nossa sugestão de letras para essa edição (Long Live Rock'n'Roll) poderia ser alterada de acordo com as solicitações de vocês. E não deu outra: Machine Head com maioria esmagadora. Deste modo, aí estão as letras do lado A da obra-prima pra vocês acompanharem o Gillan. E também complementamos as letras do Burn. No próximo número, lado B do Machine Head e, por enquanto, Fireball, o segundo na ordem de preferência dos Apreciadores.- Continuem mandando os pedidos...

SAIL AWAY

If you're driftin' on an empty ocean
With no wind to fill your sail
The future your horizon, it's like searching for the holy grail

You feel there's no tomorrow as you look into the water below
It's only your reflection
And you still ain't got no place to go
Time will show
When I don't know
Sail away tomorrow
Sailin' far away
To find it, steal or borrow
I'll be there someday

Woman I keep returnin' to sing the same old song
The story's been told, now I'm gettin' old, tell me
Where do I belong

Feel like I'm going to surrender
Hard times I've had enough
If I could find a place, to hide my face
I believe I could get back up

YOU FOOL NO ONE

You fool no one, waiting to see if I'm gone
So hard to see
You are taking your chances with me
If I find you with some other man
You know what I'm gonna do
Better run when you see me comin'

Soon you will fall, making mistakes like before
When you tell me lies
I can see by the look in your eyes
If you think you're gonna take me for granted
Chasing 'round with all you see
I'm gonna make you live to regret it

You fool no one, waiting to see if I'm gone
So clear to see
You've had all your chances with me
You thought that you could take me for granted
But I couldn't take it no more
Better run when you see me comin'

MISTREATED

I've been mistreated
I've been abused
I've been struck downhearted baby
I've been confused
'Cos I know - Yes, I know
I've been mistreated
Since my baby left me
I've been losing my mind

I've been lonely
I've been cold
I've been looking for a woman
To have and hold
'Cos I know - Yes, I know
I've been mistreated
Since my baby left me
I've been losing my mind

WHAT'S GOIN' ON HERE

Roll me over slowly I've drinking all night
Help me make a move, I can't stand the light
Wake me, shake me, don't slam the door
Ain't been so bad, I just can't recall
Spent the night chasin' up a listed old flame
Lyin' on the floor I can't remember her name
I can't stay here
There's somethin' wrong here
What's goin' on here

Went downtown had a long way to go
How I got there I don't know
Found myself sittin' in a west side bar
Tried to leave, but I could not go far
High class women tryin' to give me a line
Should have left early when I felt so fine
I can't stay here
There's somethin' wrong here
What's goin' on here

When they closed up the bar, you know they left me for dead
And I can't remember a thing that she said
Must have called the police to take me away
They said 40 days now I've got to pay
Spent the night chasing up a listed old flame
Lyin' on the floor I can't remember my name
I can't get together why they're messin' with me
Keep on lookin' 'round tell me where can I be
I can't stay here
There's something wrong here
What's goin' on here

Machine Head

NEVER BEFORE

Somebody Somebody
Come to my side
I'm tired I'm crying
I'm sick inside
My woman that woman
Just wasn't right

Chorus: Help me now please my friend
I never felt so bad before
Never never before

So funny so funny
Just like a show
One name two people
All in a row
Somebody Somebody
Someone must go

Can't hide I can't hide my misery
I know my sorrow won't set me free
She did it d'you see she did it to me

Help me now please my friend
I never felt so bad before
Never never before

All selections written by
Blackmore-Gillan-Glover-Lord-Paice
Published by HEC Music
©1972, reprinted by permission

HIGHWAY STAR

Nobody gonna take my car
I'm gonna race it to the ground
Nobody gonna beat my car
It's gonna break the speed of sound
Oooh it's a killing machine
It's got everything
Like a driving power big fat tyres and everything

I love it and I need it
I bleed it yeah it's a wild hurricane
Alright hold tight I'm a highway star

Nobody gonna take my girl
I'm gonna keep her to the end
Nobody gonna have my girl
She stays close on every bend
Oooh she's a killing machine
She's got everything
Like a moving mouth body control and everything

I love her I need her
I seed her
Yeah she turns me on
Alright hold tight I'm a highway star

Nobody gonna take my head
I got speed inside my brain
Nobody gonna steal my head
Now that I'm on the road agsin
Oooh I'm in heaven again I've got everything
Like a moving ground throttle control and everything

I love it and I need it
I seed it eight cylinders all mine
Alright hold tight I'm a highway star

MAYBE I'M A LEO

Peeping round my door I got a big surprise
Couldn't see a thing but open skies
They've taken her away where is she now

Wish that she was here wish she'd hold my hand
Maybe she could laugh maybe understand
Why was I so cruel where is she now

Acting like a fool had to make her cry
Maybe I'm a leo but ain't a lion
I'm hurting oh so bad, I want her now

PICTURES OF HOME

Somebody's shouting
Up at a mountain
Only my own words return
Nobody's up there
It's a deception

CHORUS

I'm alone here
With emptiness eagles and snow
Unfriendliness chilling my body
And whispering pictures of home
Wondering blindly
How can they find me
Maybe they don't even know
My body is shaking
Anticipating
The call of the black hooded crow...
Chorus

Here in this prison
Of my own making
Year after day I have grown
Into a hero
But there's no worship
Where have they hidden my throne....
Chorus

VÍDEO

RAINBOW - JAPAN TOUR 84

Editado em julho no Japão (apenas no Japão) este vídeo nos traz o show gravado em Tokyo, no dia 14 de março. Enfim, um vídeo oficial que apresenta um show em sua totalidade (115 minutos).

O destaque da fita fica para a versão ORQUESTRADA de "Difficult to Cure" (a Nona de Beethoven), realmente sensacional. São incluídas também músicas do último álbum, "Bent Out of Shape", bem como as habituais dos anteriores: "Spotlight", "Kid", "I Surrender", "Catch the Rainbow" e "All Night Long". O final é o usual, ou seja, Smoke on the Water... Após o fim do concerto, os membros da banda são reunidos para uma entrevista. Só um não compareceu, adivinhem quem? Blackmore, é claro! Em verdade, o Rainbow já não existia oficialmente, a volta do Purple era certa e eles somente aceitaram fazer este show pelo dinheiro oferecido pelos empresários japoneses (vide Into the Purple nº 1).



RAINBOW - THE FINAL CUT

Atenção! Pare as rotativas! Quase no fechamento desta edição, recebemos esse vídeo oficial do Rainbow, chamado The Final Cut. Trata-se de uma coletânea de clips, posteriores a 78, com 11 faixas, a maioria do Finyl Vinyl - veja seção de discos. A compilação ficou a cargo de Roger Glover e os detalhes deste vídeo ficaram para a Into the Purple nº 4. Confirmam!

DEEP PURPLE - LIVE IN PARIS - JULHO DE 1985

Ufa! Nossa habitual impaciência quando se trata de receber material importado tornou-se um verdadeiro pânico quando sabemos que o concerto do Purple em Paris (9/7/85) havia sido transmitido direto pela TV. Assim que nossos correspondentes nos avisaram, tratamos logo de providenciar para que alguém nos enviasse o tape e por fim, em outubro ele chegou.

É realmente uma emoção muito grande assistir a uma performance ao vivo de MK II. Além daquele tape passado pela Globo em 77 da US Tour 73, não existia nenhum material ao vivo com Gillan & Glover no Purple.

Bem, vamos ao show. A abertura é a mesma narrada por Howard Kehl na apresentação em Perth (Into the Purple nº 2), com Highway Star e logo de cara uma péssima surpresa: Gilan estava rouco! Completamente afônico! Foi um azar incrível justamente neste dia ele estar assim. Recebemos depois outros tapes (não oficiais) da mesma turnê em que ele está em plena forma. Apesar disso a performance dos outros membros compensam todas as falhas. Jon Lord foi, sem dúvida, o que mais despenhou no show. Jon nos passa uma nítida alegria por estar tocando com o Purple novamente.

Ritchie também é incrível, ele chega mesmo a brincar e rir (!) durante o show. Os destaques são muitos. As músicas antigas soam como verdadeiros hinos, cantadas por toda a platéia. Um espetáculo à parte é dado pelo raio laser durante a execução de Difficult to Cure. Formase simplesmente a imagem de Beethoven e ele se movimentava como se estivesse regendo uma orquestra! Genial! Uma ausência tristemente notada foi Child in Time, devido ao estado vocal de Gillan. O fim do show foi idêntico ao do Rainbow (veja vídeo anterior): Smoke on the Water! Só que com o Gillan cantando. Mesmo sem voz, sua interpretação nos deixa irados ao ver um outro qualquer cantando-a!

EM SETEMBRO O NOVO ALBUM DO
DEEP PURPLE

DISCOS

RAINBOW - FINYL VINYL

"O Rainbow sempre foi um instrumento de Ritchie Blackmore e acredito que as mudanças na formação que ocorreram às vezes com frequência alarmante não eram, como muitos imaginariam, danosos à imagem nem tampouco à música da banda (qualquer que fosse). Era um artifício proveitoso, até necessário para que Ritchie sustentasse sua criatividade". São com essas palavras de Roger Glover que começa o informativo de imprensa (release) da Polygram Internacional a respeito de "Finyl Vinyl", a nova coletânea de Rainbow lançada no mercado externo. No Brasil, só Deus sabe quando vai sair. Se sair...

Trata-se de uma antologia que compreende o período entre o "Down to Earth" (79) e o Bent out of Shape (83). Os atrativos desse álbum ficam por conta de três músicas inéditas aqui no Brasil: "Bad Girl", "Weiss Heim" e "Jealous Lover". A primeira foi gravada para o LP "Down to Earth", mas por fim excluída e acabou saindo como lado B do compacto "Since you been gone", esta última também incluída no "Finyl Vinyl". "Weiss Heim" é instrumental, "uma obra-prima de Blackmore", segundo Glover, foi gravada na Dinamarca e também saiu em compacto, como lado B de "All night Long", que é mais uma das faixas da coletânea. Finalmente, "Jealous Lover", gravada num teatro vazio em Minneapolis, USA, já apresentando Joe Lynn Turner nos vocais. "I surrender", "Stone Cold" e "Street of Dreams" são outras das faixas deste álbum, que Glover não chega propriamente a recomendar, preferindo deter-se em elogios a Blackmore: "O ingrediente unificador que tornou tudo isso possível é o brilhante, imprevisível virtuosismo da guitarra de Ritchie". Na verdade, se não fossem pelas três faixas inéditas, "Finyl Vinyl" teria pouco interesse para nós, uma vez que deixa de fora a melhor fase do Rainbow, que foi quando contava com Ronnie Dio e Cozy Powell.

Aproveitamos para agradecer o Appreciador Sérgio Martorelli, que gentilmente nos enviou o release de "Finyl Vinyl". Mande também sua colaboração!

WHITESNAKE - TROUBLE
DAVID COVERDALE'S NORTHWINDS

Alguém aí tem uma bola de cristal para emprestar? Estamos precisando de uma para tentar adivinhar quais serão os próximos discos a serem lançados aqui. Sim, porque no Brasil, só com bola de cristal. Quem poderia imaginar que o Trouble e o Northwinds sairiam para os brasileiros, ainda mais às vésperas da edição do novo LP do Whitesnake? E não adianta perguntar na gravadora, pois ela também não sabe. Aliás, a atenção que a EMI-Odeon dispensou à Sociedade foi "espantosa". Estamos esperando até agora o material que solicitamos a eles. Portanto, mandem bolas de cristal, rápido!

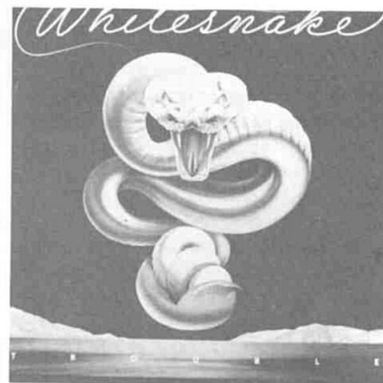
Bem, vamos aos discos. Na primeira Into the Purple, comentamos que o Trouble era o único LP do Whitesnake que faltava sair por aqui e aí está ele, para nossa alegria. Como todo primeiro disco, a banda ainda procurava uma definição de estilo. E isso foi ótimo, pois as várias influências e experiências tomaram o Trouble um disco bastante criativo, contrastando com a linearidade dos últimos álbuns do Snake. A inclusão de "Belgian Tom's Hat Trick", um número totalmente instrumental é um exemplo. A presença de Dave Dowle na bateria e Neil Murray, recém-saído do grupo de jazz-rock Colosseum II são fundamentais para as várias faixas, principalmente em "Free flight" e na deliciosa "Night-hawk". Outro bom momento é "Take me with you", com um ótimo solo de percussão e um refrão contagiante. O restante das faixas seguram o pique, com exceção de "Love to Keep you warm" e "Lie Down". Essas, nem as presenças de Lord e Coverdale conseguem salvar. A capa é belíssima (versão original inglesa, pois existem outras capas não-oficiais, como a Japonesa, por exemplo) e vocês, metuculosos, devem ter percebido que a foto da contracapa foi utilizada posteriormente para a montagem da capa do "Ready an' Willing". É lógico que em se tratando de LP brasileiro, a ausência de letras é normal, lamentavelmente.

O David Coverdale's Northwinds é um daqueles discos que deve ser guardado separado dos discos comuns, para não humilhá-los. Não há nem muito o que falar. A intimidade que transparece a cada faixa entre Coverdale e o ouvinte torna redundante qualquer comentá-

rio. David devia estar numa fase muito romântica em sua vida, pois as canções lentas "Only my Soul", "Say you love me" e "Time & Again" são belíssimas. Principalmente esta última, onde Coverdale canta e toca piano, acompanhado apenas por Graham Preskett, nas cordas. Todas as outras faixas são interessantes, desde as baladas "Northwinds" e "Queen of Hearts" até o Gospel "Give me Kindness" (Ronnie Dio e esposa no coral). "Breakdown" e "Keep on Giving me Love" completam o leque de estilos oferecidos por Coverdale aos privilegiados ouvintes. A primeira é um hard-rock dos bons e que conta com a presença, no mínimo curiosa, de um violino e a segunda traz uma forte influência soul.

Se no Trouble, a tradicional pisada de bola da gravadora ficou por conta da ausência de letras, no Northwinds ela extrapolou para ausência de letras e FICHA TÉCNICA! Quer dizer, para saber quem tocou nesse disco, só comprando o LP importado... OU, lendo a Into the Purple! Aqui está a ficha técnica, em mais um serviço de utilidade púrpura. Músicos: David Coverdale - vocal e piano em Time & Again e em Northwinds, Tim Hinkley - piano elétrico, Alan Spenner - baixo, Tony Newman - bateria, Graham Preskett - violino e cordas, Roger Glover - Sintetizador ARP 2600, Micky Moody - guitarra, Lee Brilleaux - harmônica, Coro: Liza Strike, Irene Chanter, Doreen Chanter. Na faixa "Say you Love me", De Lisle Harper - baixo, Simon Phillips - bateria e Ron Aspery no Alto sax, além de Moody, Hinkley, Glover e Coverdale. Essa gravadora nos dá um trabalho...

Bem, depois de tudo isso, vocês me dão licença, que eu tenho de virar o Northwinds do prato.





BLACK SABBATH - SEVENTH STAR

No início da década de 70, Black Sabbath e Paranoid disputavam os primeiros lugares nas paradas inglesas. Considerado por muitos um dos "fundadores do Heavy Metal", o Sabbath acaba recebendo, mais tarde, grande influência do som do Purple. Antes mesmo da entrada de Gillan, a própria presença de Dio nos vocais introduziu um pouco do estilo do Rainbow ao Sabbath e, por tabela, vie-



ram as primeiras interferências do Purple no som do Sabbath. Com a entrada de Gillan, essa influência tornou-se mais marcante e a consequência foi uma descaracterização total do som que o Sabbath tinha na época do Ozzy. Nessa estória toda, quem saiu ganhando foi o público, que foi brindado com grandes discos, a partir do Heaven and Hell. Após a saída de Gillan para se unir ao Purple, Tony Iommy e seus companheiros ficaram perdidos, à procura de um vocalista. Eles tentaram prosseguir com o desconhecido Dave Donato, mas, para quem vinha de uma linhagem de grandes nomes nos vocais, era pouco. Desse modo, o Sabbath foi desativado. Butler e Iommy partiram para trabalhos solos, sendo que coube a este último herdar o nome Black Sabbath. Mas, o problema do vocal permanecia insolúvel, até que Glenn

Hughes aceitasse o convite de Tony. Com um vocal à altura das tradições, o guitarrista pôde prosseguir com seus planos, que resultaram no álbum "Seventh Star", recém-lançado no Brasil.

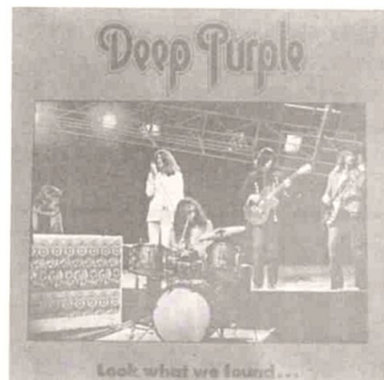
Trata-se de um trabalho-solo, pois todas as composições são de Iommy, que procurou captar o público de seu antigo grupo através da jogada do título: "Black Sabbath featuring (apresentando) Tony Iommy" e também pela capa, com umas figuras diabólicas rodeando a foto onde Iommy aparece com uma expressão desolada. Não são truques muito originais e, se levarmos em conta a qualidade do disco, tornam-se desnecessárias. Hughes está me plena forma como vocalista. Como baixista não deu para comprovar, uma vez que ele apenas a tua como cantor. O baixo ficou a cargo de Dave Spitz. A voz de Hughes está natural, como nos tempos de Trapeze, pois ele cantava de um modo mais agudo na época do Purple, visando um melhor efeito sonoro ao contrastar com a voz grave de Coverdale. Ainda acompanham Iommy, o baterista Eric Singer e Geoff Nichols, que já tocou teclados em LP's anteriores do Sabbath.

Com Hughes bem nos vocais e Iommy no seu estilo de sempre, o disco vem com um "certificado de garantia" para os amantes do bom rock. Não há destaques negativos, todas as composições se encontram em um ótimo nível. Entre os destaques positivos estão os blues Heart Like a Wheel e No Stranger to Love (Love ain't no Stranger??) esta última conta com um vídeo clip já exibido por aqui. Danger Zone é outro ponto alto, um heavy de primeira. Enfim, um disco de muita classe e competência, uma raridade no rock de hoje em dia. Milagrosamente, o LP vem acompanhado pelo encarte com as letras, que in felizmente não traz fotos de Hughes. Por um pequeno trecho (um minuto) de um vídeo recente (de abril!) do Sabbath que chegou às nossas mãos, deu para ver que Hughes está cabeludíssimo, voltando ao seu visual da época do Burn.

DEEP PURPLE - LOOK WHAT WE FOUND

O Deep Purple tem uma vasta discogra-

fia pirata. Porém é preciso tomar cuidado. O fato de um LP ser pirata não o classifica como um item obrigatório nos acervos de um fã. Existem vários fatores que devem ser levados em consideração. A qualidade da gravação é uma delas. Muitos piratas são quase inaudíveis e não justificam sua aquisi-



ção, mesmo para o fã mais ardoroso. O repertório é outra coisa que deve ser levada em conta. Existem vários piratas do Purple com nomes diferentes e que contêm as mesmas gravações. Existem também piratas com as mesmas gravações dos LP's ao vivo oficiais. Sendo assim, aos poucos, vamos passar a vocês a discografia pirata realmente interessante aos Apreciadores.

"Look What We Found" é um item altamente desejável. Todas as suas 11 faixas oferecem atrativos, começando pela presença de duas gravações inéditas: "John Stew" e "Ricochet". A primeira é praticamente um improviso, tanto de letra quanto de música. Gravada na época do In Rock, lembra muito a instrumental "Bullfrog", do LP "Green Bullfrog" (veja entrevista do Blackmore). "Ricochet" é de cair o queixo! Trata-se da primeira versão da "Speed King". A música é idêntica, mas a letra é totalmente diferente. Junto com a versão que saiu no "Singles A's and B's", mostra claramente a evolução da faixa até a definitiva versão do In Rock. Outras faixas interessantíssimas são as da MKI "Hey Joe", "Emmaretta", "Lalena" e "Painter", em versões diferentes dos discos. São as poucas gravações ao vivo so bre viventes desta fase e nos dão melhor idéia do desempenho dos músicos, principalmente de Simper, que surpreende. Assim como "John Stew" e "Ricochet", essas quatro últimas foram gravadas especialmente para a BBC e apresentam ótima qualidade de gravação. Prosseguindo, chama a atenção a presença de músicas pouquíssimas vezes executadas ao vivo como "Bloodsucker",

"No-no-no" e "Into the Fire". Destas três, apenas "No-no-no" não tem boa qualidade técnica. Completam o disco "Wring that Neck" e "Child in Time". Todas essas cinco músicas devem ter sido gravadas bem próximas das versões de estúdio, pois apresentam os arranjos fiéis às gravações em LP. "Child in Time" é uma das melhores versões, com Gillan em incrível desempenho.

É um pirata recente (por volta de 83) e que traz um título muito apropriado às raridades que contém: "Olhe o que nós achamos!"

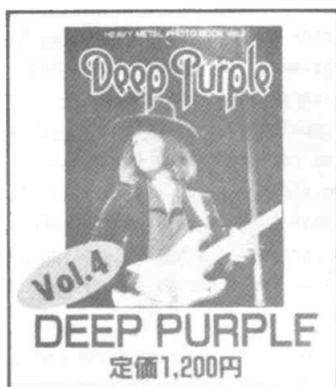
LIVROS

DEEP PURPLE - HEAVY METAL PHOTOBOOK

Editado inicialmente no Japão, no passado saiu também na Inglaterra. Isto é importante para aqueles que quiserem saber o que diz o pequeno texto de Chris Welch ao fim do livro, afinal inglês é bem mais acessível que o japonês. Comentar o livro é muito difícil, uma vez que ele é composto totalmente por fotos (excessão ao texto já citado acima). São fotos muito interessantes, com qualidade técnica de impressão também excelente (Um pouquinho melhor que o Into the Purple...). O texto é baseado na biografia oficial de Chris Charlesworth (ItP nº 1), com poucos dados acrescentados pelo próprio autor. Podemos dizer que esse livro vale muito a pena para nós brasileiros, pois não temos acesso a nenhum material fotográfico desse nível (principalmente o colorido) e este Photobook funciona como arquivo resumido de fotos. Porém, a nível internacional, poucas são as fotos realmente raras.

Passamos agora a situar aos felizardos que possuem esse livro, as fotos, na sequência em que aparecem. Ao abrir o livro, a foto de Gillan sorrindo foi tirada no Japão em 72, seguida pela página dupla do Top of the Pops. Na sequência, a imagem tripla de Ritchie é do Japão em 73 (a outra é desconhecida), enquanto a de Ton é de 74. A seguinte é do Concerto for Group. As do Paice, desconhecidas e a página dupla de Ritchie no Japão. Seguindo: Gillan no Japão em 72 e 73, a de Glover dupla também no Japão em 73 e de

pois uma da MK III tirada nas sessões do Castelo Clearwell. As fotos seguintes são desconhecidas (Hughes e David em grandes fotos!) e a próxima é de um show no Kursall (com a mulher nua deitada entre Ritchie e David). As seguintes são Lord e Paice no Japão em 75, assim como todas as outras de MK IV. Seguem-se várias páginas preto e branco - nenhuma foto realmente inédita, as páginas duplas da MK II ao vivo são do Japão em 72 e a do Gillan sozinho é de 73. Mais Clearwell, David e Ton na MK III e Ritchie no Denmark Hall. A do Hughes é da UK Tour 74, Paice em 71 e a MK IV em saíndo no Japão e em Los Angeles. A foto de Bolin com a camiseta "The Ultimate" foi tirada em Wembley. A sequência colorida no final é da excursão da MK IV ao Japão. As fotos de real valor, realmente raras, são as da MK II que aparecem no fim do livro. Duas de Ritchie tiradas para a revista Bravo, Gillan na época do Machine Head e no Japão em 72. Você que não tem o livro e fez questão de ler até aqui, agora deve estar querendo obtê-lo de qualquer maneira. Por enquanto não sabemos como conseguí-lo, mas para quem quiser tentar uma importação, a edição japonesa é de 83, SHINKO MUSIC PUB. CO. LTD. As 48 páginas deste livro, que é o volume quatro da coleção Heavy Metal Photobook, custam 1.200 yens (Para os brasileiros deve dar pouco menos de 200 cruzados): Infelizmente não temos os dados da edição inglesa. Quem os tiver, pode enviá-los, que nós trataremos de passar a todos.



NOTAS

RAINBOW - "No thanks to Baal".

Essa inscrição na contracapa do LP "Long Live Rock'n'Roll" deixou muita gente intrigada todos esses anos. O esclarecimento vem da Suécia, através de Ketil, purple-fan: "Ritchie e Ronnie, iluminados pelos fantasmas do Chateau (N.R.: "Le Chateau", estúdio perto de Paris onde foi gravado o disco), fizeram uma sessão (espírita) e contactaram um demônio chamado Baal. Ele lhes falou que dois do grupo não sairiam vivos do estúdio. Como nada disso aconteceu, eles resolveram "não agradecer" ao Baal, pela predição "furada" do demônio.

MEL GALLEY

Muitos fãs se surpreenderam quando dos shows do Whitesnake no Rock in Rio. Onde estava Mel Galley? O que havia acontecido? Na época, disseram que Mel havia quebrado o braço e por isso não veio para o Festival. Entretanto, uma de nossas correspondentes, Rosie Hardman, amiga pessoal de Galley, nos escreveu contando o que houve de fato: O problema principal da saída de Mel do Whitesnake veio depois da quebra do braço. Quando do acidente, ele contraiu um vírus que atacou os nervos de seu braço, provocando-lhe uma paralisia parcial. Decorrente disso, Mel teve que reaprender a tocar guitarra, utilizando-se de um fio de aço colocado dentro de seu braço. Atualmente Mel Galley está trabalhando no segundo álbum do projeto "Phenomena", junto com seu irmão Tom e Richard Bailey, ainda sem definição do resto do time. Além disso, e foi com grande satisfação que tomamos conhecimento, Mel se apresentou em

Rosie Hardman and Mel Galley/Rockingham Arms:

AS she finished her first (solo) set Rosie Hardman sang: "In my life, I've heard a lot of music. But now I know I've heard the best of them play."

She glanced off stage to where former Whitesnake lead guitarist Mel Galley was preparing to join her for the second set.

By herself, Rosie is a formidable performer. With Galley accompany-

ing her, she brought the house down.

Despite a motor accident which almost cost him the use of his left hand, Galley has fought back and with the use of a special contraption to strengthen his fingerboard fingers, he showed that he still has plenty of imaginations and technique.

Paul License

alguns concertos com nossa amiga 'Rosie (!). Rosie é guitarrista e cantora, tendo gravado diversos LP's, inclusive em um deles gravou sua própria versão de "Time and Again" do David Coverdale's Northwinds. Por sinal o cantor apreciou muito essa regravação. As apresentações do "duo" têm sido elogiadas pelos críticos, como mostra o comentário que reproduzimos.

TOMMY BOLIN

Estávamos quase fechando esta edição quando uma coisa nos chamou a atenção: "Ei, não tem nada sobre o Bolin!". Sabendo que existe uma autêntica legião de fãs do guitarrista que por certo não nos perdoariam (é ou não é, Debs?), aqui vão algumas coisas que descobrimos.

Amigos, família e ex-parceiros de Bolin pretendem lançar um álbum duplo com material inédito e ao vivo de Tommy. Todo esse material está sendo compilado e mixado por Willie Dixon. Willie e seu pessoal passaram um bom tempo catalogando todo esse material, que inclui trabalhos em estúdio, concertos ao vivo, "jams", transmissões em FM, ensaios em estúdio, faixas alternativas de LP's etc. Entretanto a produção do disco tem esbarrado em um problema sério: a falta de dinheiro. Para financiar este projeto, foi então lançada uma edição limitada de posters de Bolin, autografados por toda a família do guitarrista. Só um detalhe: cada poster custa a bagatela de CEM dólares! De nossa parte, vamos torcer para que consigam o dinheiro e que o álbum saia...

Outra coisa que descobrimos é que existem vídeos do Bolin gravados antes e depois do Purple. Um deles,



de 50 minutos, é da turnê do álbum Teaser. Outro é com a James Gang, feito para o programa Don Kirshner's Rock Concert (muitos tapes deste programa americano de TV foram apresentados no Brasil). Esses vídeos são mais do que raros e sobre essas informações existe alguma margem de dúvida. Estamos nos empenhando em conseguir essas preciosidades. Quem souber do paradeiro desses vídeos, favor informar a Sociedade. Os Apreciadores agradecem.

WHITESNAKE

Nossa amiga Rosie, do fã-clube do Whitesnake da Inglaterra, enviou-nos uma carta de Neil Murray, de setembro de 85, ou seja, 7 meses atrás. Mesmo passado todo este tempo, muito do que Neil escreveu ao fã-clube inglês, ainda é novidade para nós. O que segue, foi relatado pouco antes do início das gravações do LP, quando Neil se encontrava em Los Angeles e o título "Children of the Night" ainda não estava definido para o novo álbum. Pode falar, - Neil!

"Nós vamos começar a trabalhar no próximo álbum em outubro, no 'Little Mountain Studios em Vancouver, British Columbia (Canadá), com produção de Mike Stone (Mike produziu os dois primeiros discos do Asia e partes do Run for Cover, de Gary Moore). Esperamos que não tome mais que 6 a 8 semanas para completá-lo' e provavelmente em Janeiro ou Fevereiro deverá estar saindo.

O baterista é Ansley Dunbar, que é inglês, mas tem vivido nos EUA por anos, tocando com Journey, Jefferson Starship, Frank Zappa, David Bowie e muitos outros. Don Airey estará nos teclados como convidado e nós não sabemos se ele vai para estrada conosco. Não há nada definido sobre turnês por enquanto, mas provavelmente deverá se iniciar em Fevereiro pela Europa, também seguido pelo Japão. Então voltaremos aos EUA participando como convidados especiais de algumas bandas grandes (Nota nos sa: nos EUA, o Whitesnake abre shows de outras bandas, uma vez que ainda não conquistaram o público americano. Situação inversa ocorre na Europa, onde eles têm uma multidão de fãs) e talvez façamos alguns shows como atração principal.

Los Angeles é uma cidade legal. Nós gostamos do tempo quente e do visu-



al das garotas bonitas, mas isto não é muito emocionante quando você não está atuando. Nós temos aparecido bastante em vários lugares para ficarmos mais conhecidos, mas o público em geral ainda não nos conhece. Provavelmente haverá uma boa publicidade quando o novo álbum sair e espero que possamos fazer alguns grandes vídeos.

Espero que vocês estejam todos bem" Neil Murray.

GARY MOORE/GLENN HUGHES

A esta altura da revista vocês já estão sabendo da ida de Glenn Hughes para o Sabbath. Ele fez isto depois de gravar algumas faixas do LP "Run for Cover", do guitarrista irlandês Gary Moore. Alguns detalhes da saída de Hughes da banda de Moore foram contados pelo guitarrista à revista Kerrang: "Veja, ninguém pode negar os talentos vocais de Glenn, ele tem uma voz fabulosa, mas seu lado pessoal tem diversos problemas que o tornam uma pessoa difícil de se lidar. Glenn tem sérios problemas de personalidade e eu acho que, nesse campo, ele necessita de ajuda de um profissional". Além de seu egocentrismo, Moore aponta outros problemas de Hughes, como por exemplo (essa é engraçadíssima): Glenn não parava de comer(!), chegando mesmo a interromper as sessões de gravação para "fazer uma boquinha". Ele chegou a tal ponto que Moore chamou seu empresário para cancelar a turnê que eles pretendiam fazer após o lançamento do disco, pois

Hughes não tinha condições físicas. Esses problemas psicológicos são conhecidos dos fãs do Purple, desde a época que Hughes, juntamente com Bolin, provocaram a dissolução da banda. Hughes ainda aprontou outras: contratou dois amigos seus de Los Angeles para trabalharem como roadies do grupo, sem consultar ninguém! Outro motivo para as discussões foram as autorias das músicas do "Run for Cover", com o baixista querendo créditos em faixas que Moore garantia ter composto sozinho. Num trecho da entrevista, Moore vai fundo nas suas alfinetadas: "Hughes me pediu para que o nome mudasse para "Gary Moore Band apresentando Glenn Hughes", mas eu lhe disse que era somente "Gary Moore" e não daria para ter "Gary Moore apresentando do Glenn Hughes e também Neil Carter" (tecladista). Eu acho que você continuaria infinitamente com esse tipo de coisa. Ele me atormentou com essa idéia, achando que seu nome realmente contaria, mas ele não poderia àquela altura lotar nem o banheiro do Marquee se apresentando sozinho..." Que coisa feia... A gota d'água da saída de Hughes foi o fato de Glenn não deixar Moore incluir uma canção que Moore achou "muito bonita", composta pelo baixista, que preferiu incluí-la no disco "Phenomena", outro projeto em que atuava (veja nosso nº 2). Aí não teve jeito, desabou tudo, pois a sustentação já era pouca. Ah, o nome da música: "Still the Night". Acabamos de registrar mais um capítulo da novela "Glenn Hughes, ou como o egocentrismo pode atrapalhar uma carreira".

JON LORD

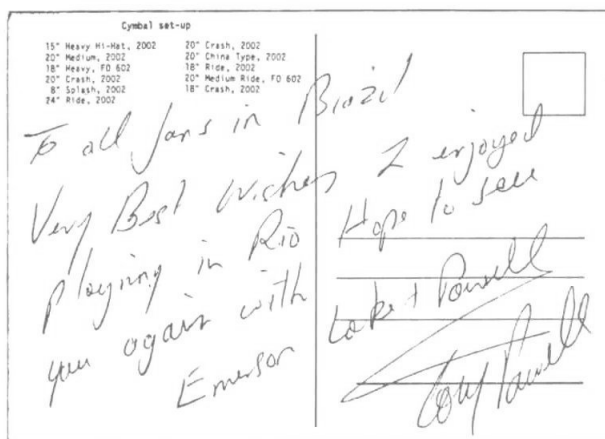
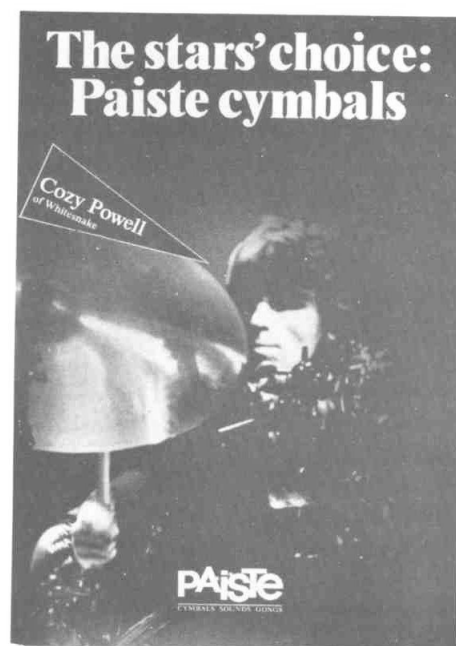
Em algumas locadoras de vídeo é possível encontrar "Whitefire", filme cuja produção musical ficou a cargo de Lord. Embora não seja citado nos créditos como compositor, existem passagens do filme em que a música incidental apresenta certos toques "Lordianos". Duas canções são executadas durante a fita, uma interpretada por Vicky Brown (vocal de Before I Forget - último disco solo de Lord) e a faixa título por Limelight - aliás essa faixa saiu no Brasil na coletânea "Axe Attack". Porém tudo isso serve apenas como curiosidade, pois as músicas são fracas, sem nada de especial. Quanto ao filme, esqueçam. Trata-se de uma ficção científica —

espionagem de terceira categoria, onde se salvam os atributos físicos da atriz principal. Vale apenas como registro.

COZY POWELL

Um belo dia atendi um telefonema muito estranho. Alguém do outro lado da linha, totalmente afobado, tentava falar mas só emitia grunhidos incompreensíveis. Não, não era um telefonema obscuro. Era o Roberto, que desesperadamente tentava me contar que acabara de chegar uma carta do... COZY POWELL!!! Aí foi a minha vez de grunhir. COZY POWELL! Mas como? Aí veio a explicação: sem contar nada a ninguém, o Roberto escreveu para o fã clube do Whitesnake na Inglaterra, pedindo que o Cozy escrevesse para a Sociedade. E ele, como é muito gente fina, respondeu. E é com uma honra enorme que publicamos aqui a carta da fera, para

que todos leiam o recado que Powell mandou aos Apreciadores: Vejo vocês no Emerson, Lake & Powell!



CARTAS

Ôba! Estão chegando cada vez mais cartas e isso é ótimo. Precisamos muito de divulgação, para que possamos continuar o processo de aperfeiçoamento da Into the Purple. Vocês que escreveram, nosso MUITO OBRIGADO. Vocês que nunca escreveram, que tal pegar lápis e papel e redigir uma carta a nós? Mande sua opinião ou sugestão. Em dez minutos você começa uma participação ativa na Sociedade. Bem, aí estão as cartas e o nome dos Apreciadores que não saíram no nº 02. Em reconhecimento àqueles que mais nos escreveram, estamos publicando trechos de suas cartas. Gostaríamos que vocês seguissem o exemplo do Ivo, que sempre manda selos para resposta em suas cartas (grato, Ivo!): "Ajude nosso caixa a sair do Púrpura, para, pelo menos, o vermelho!". Também solicitamos a todos que sejam pacientes para receber suas respostas, que tardam mas não falham. Ou vocês preferem fazer como o Américo, que depois de pôr uma carta reclamando da demora da nossa resposta, resolveu olhar na sua caixa postal e adivinham... Lá estava a nossa carta! E o Américo ficou morrendo de vergonha...

"Desde quando me interessei pelo rock, há oito anos atrás, compreendi, desde cedo, a necessidade de se estudar, refletir e pesquisar, usando não somente as vísceras e os quadris, mas também a mente e espírito para tanto..."
"... comprei diversos exemplares"

da Into the Purple nº 2 e divulgá-los-ei com os meus correspondentes e amigos de todo o país, afinal é o mínimo que vocês e a excelência de seu trabalho merecem. Gostaria que me fizessem a gentileza de esclarecer certas dúvidas que tenho..."

Nelson Maia Neto

O Nelson é o nosso mais assíduo correspondente. Desde essa sua primeira carta, muitos de seus amigos ingressaram na Sociedade por seu intermédio e esse esforço do Nelson merece nosso agradecimento especial (seria ótimo se todos tivessem o mesmo empenho em divulgar a Sociedade). Uma das características de suas cartas é conter muitas perguntas (uma média de 15 por vez!) e isto em determinado momento acabou gerando um certo atrito devido à divergências de opiniões pessoais. Mas isto "can't happen here", Nelson!

...Aliás, eu gostaria de fazer um pequeno comentário sobre a reportagem da SOMTRES: Porque diabos vocês não citaram meu nome? Querem me deixar complexado? Atitudes como essa só vão servir para aumentar meu complexo de inferioridade e aumentar a conta de meu analista! Por esta vez estão perdoados, mas na próxima seirei implacável! Humpf!"

Sérgio Luiz Caruso Martorelli

O Martorelli (nenhum parentesco com o goleiro do glorioso Palmeiras!) pediu para dar um toque que ele está fazendo um livro sobre o Black Sabbath e aceita colaborações. Chega, falamos demais do Sabbath. Bem, agora que você já está mais calmo vamos deixá-lo mais contente ainda. Ao invés de citar seu nome na SOMTRES uma vez, você terá seu nome citado DUAS vezes na Into the Purple! Aí vai: Sérgio Luiz Caruso Martorelli.

"Sou Francisco José, presidente do Barão Vermelho fã clube oficial, mas, antes de mais nada, fanático e apaixonado pelo Deep Purple, desde Shades of até The Anthology. Portanto, gostaria de me associar a seu fã clube e comprar letras e outros mais que seu fã clube tenha disponível".

Francisco José da Mouta Neto

Esse é o velho Mouta, "the impatient test", sem dúvida o nosso correspondente mais hilário.

O trecho acima foi extraído de sua primeira carta, pois a partir da segunda nada mais poderia ser publicado, a não ser no MAD (não parece, mas isto aqui é sério, Ô Mouta!)

O Mouta teve a gentileza de nos enviar de presente, o novo disco do Barão, onde ele participa com um an-

tológico e inimitável solo... de palmas! Grande!

"Falando em David, o disco do Whitesnake já foi gravado! O nome por enquanto é Children of the night (provavelmente por que o John Sykes entrou na banda) e sairá no Japão no começo de fevereiro e a tour começa em Março/Abril, só que ainda não se decidiu se começará na Inglaterra ou nos EUA. A pergunta que você, como eu, como milhares de pessoas estão fazendo é: estará o Brasil incluído nesta excursão? Comecem a rezar! Acho que não vou aguentar, de novo, sentar na mesma mesa que o David. Meu coração é muito frágil.."

"Vocês souberam da morte do Phyll Lynott do Thin Lizzy? Pois é, sem humor negro, aquele enterro daria um ótimo disco. Estavam presentes: Gary Moore, Glenn Hughes, Neil Murray, John Sykes, fora parentes e o resto do Thin Lizzy..."

Débora Sztajnberg

Como vocês puderam ver, as cartas da Débora são sempre recheadas de informações quentes, visto que ela não consegue reter por muito tempo nenhuma novidade.

Mas esperamos que ela consiga reter, isto sim, aquelas garrafas de licor que ela nos prometeu em uma de suas cartas. "Give us just a little more time Debs!"

"Gostar do Purple é o mesmo que fazer sexo; quanto mais se faz, mais fica querendo" Ô Lôco!

Moarli de Oliveira Campos Júnior

Exageros à parte, deu para perceber que se trata mais de um autêntico Purplemaníaco.

Outra prova disso é que, apesar de viver em uma cidade pequena (Itambacuri), o Moarli não mede esforços para acompanhar as atividades do Purple.

Estamos com você Moarli. Curtir o Purple é a SEGUNDA coisa que mais gostamos de fazer.

Agapito P. Nascimento & Vamps (PI)

Ailton Borboleta de Lima (MG)

Alexandre F. Abelleira (SP)

Alexandre S. Bittar (SP)

Américo Bisetti F9 (SP)

Antônio da Silva F9 (RJ)

Arsélio J. Oliveira (MG)

Carlos Antonio Penza (SP)

Cássio Leite Vieira (SP)

Cláudio Bacellar Cazão (SP)

Cláudio Letayf Carvalho (SP)

Cláudio R. Bittencourt Ferreira (MG)

Cláudio Ribeiro Mendes (RJ)

Constância Áurea Grisoni (SP)

Daniel Brás (SP)

Denis A. C. Augusto (SP)

Douglas Maciel Faustino (SP)

Ednilson Feu Couto (ES)

Edson Kataoka (SP)

Eduardo Pinto Ferreira (RJ)

Eduardo Russomano (SP)

Evandro Marquardt (SC)

Everton M. Gomes (SP)

Fabio B. Nascimento (SP)

Fabio J. Maróstica (SP)

Fernando Vieira (SP)

Francisco C. Benazzato (SP)

Francisco D. Yonamine (SP)

Francisco J. MOUTA neto (RJ)

Franklin G. D. Chaves (PA)

Geneval J. Santos (SP)

Genildo Cardoso Coelho (ES)

Helena & Cristiane B. Carvalho (PR)

Humberto C. C. Lopes (PE)

IVO (PA)

Jefferson A. Pereira (SP)

João Aguiar (SP)

João Paulo (RO)

João Ricardo S. Lima (RJ)

Jorge H. Jappur (SP)

José Carlos Guerreiro (SP)

José Geraldo Ladain (ES)

Katherine Wrede (SP)

Kyd Sinistro (PA)

Luís Antonio Menegotto (SC)

Luís Bezerra de Lima (PE)

Luís Carlos Colin (SP)

Luiz Carlos Mitt (SP)

Marcel O. Tanaka (SP)

Marcelo König (SP)

Marco Antonio Caputo (MG)

Marco Antonio S. Tavares (RS)

Mario Luis Lino (SP)

Marta Nagoshi (SP)

Maurício Amado (BA)

Moarli de O. Campos Jr. (MG)

Monica C. Schnarznald (SP)

Nei de Carvalho Bahia (BA)

Nei Magalhães (SP)

Nelson Maia Neto (SP)

Neusa Rayer (SP)

Nilo H. Patrício (SP)

Nivaldo ? (SP)

Osvaldo Donizetti da Silva (SP)

Patrícia Aguiar (SP)

Paulo C. B. Palma (BA)

Paulo Cesar Marques (RS)

Paulo J. Mialhe (SP)

Paulo S. Vilar de Lucena (PE)

Pedro M. Magno (RJ)

Renato S. Medeiros (SP)

Renato N. Nagata (SP)

Roberto C. Soares (SP)

Rodrigo R. Fernandes (SP)

Rogério M. da Silva (SP)

Rogério R. Apolinário (SP)

Rogério - Venon Black Power (BA)

Ruli Maeda (SP)

Saul Nahmias (SP)

Sérgio de Oliveira (SP)

Tony H. Yamasaki (SP)

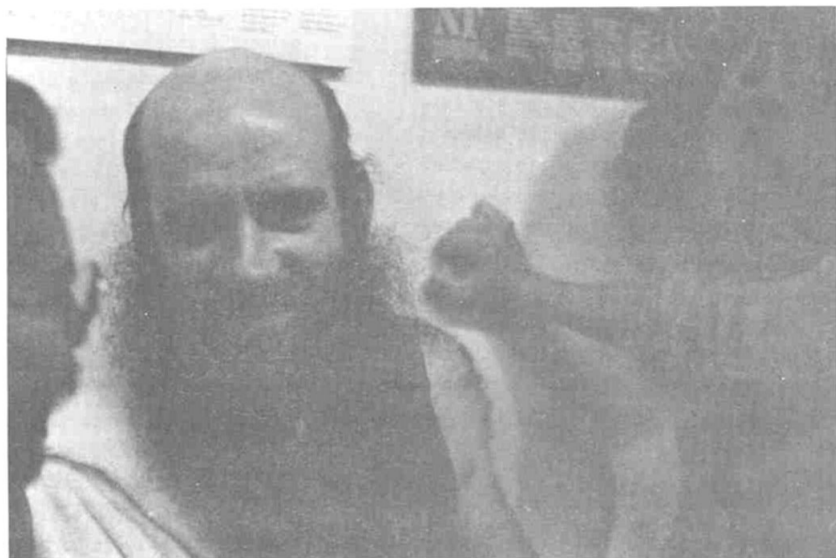
Valdir Coverdale (SP)

Vinicius S. Franco (MG)

Wilson de Matos (SP)

EXCLUSIVO

LIAM GENOCKEY



É com muito orgulho que apresentamos ' o primeiro grande furo de reportagem ' da Into the Purple. Esse furo teve origem num daqueles famosos "porres de sexta-feira". Foi lá pelas tantas que o Cássio (Apreciador e baterista fanático pelo Paice) chegou no bar e já foi soltando a bomba: "Ô meu, vem um grupo de jazz tocar no Brasil e parece que o baterista já tocou com o Gillan". Quase deu pra ouvir o estalo ' da ressaca sendo curada instantaneamente: "O quê, tocou com o Gillan?". Fomos atrás da confirmação, dada pelo Valdir Montanari. Tratava-se de Liam Genockey, baterista irlandês, que tocou no primeiro disco da banda Gillan (LP chamado simplesmente "Gillan") e também na faixa "Fighting Man" do LP Mr. Universe, do Gillan, em 78. Consulte a árvore purplelógica (Into the Purple nº 2).

Liam Genockey é o baterista do quinteto do ex-Soft Machine Elton Dean, que veio ao Brasil para uma excursão, se apresentando dia 12 de março em São Paulo. Não deu outra, deslocamos toda nossa equipe de reportagem e fotografos (ou seja, nós dois mesmos) para o show. O Teatro de Cultura Artística estava lotado. Mas com o decorrer da apresentação muitos foram se retirando. Não que os músicos fossem ruins, pelo contrário, Liam nos deixou impressionados, assim como o restante do quinteto (o baixista é carioca! - Márcio Mattos). Genockey é um baterista fantástico. Aqueles que se retiraram provavelmente foram surpreendidos pelo free-jazz do Elton Dean Quintet. É um jazz difícil de se acompanhar, porque os músicos tocam literalmente

o que estão sentindo na hora. Não há uma linha melódica definida, somente improvisações em um rodízio constante de solos. Nos deu a impressão que os músicos curtiam mais do que a platéia. P'ra falar a verdade, estávamos esperando que uma hora qualquer um dos músicos fosse falar: "Ok, pessoal, chega de afinar os instrumentos, vamos começar a tocar pra valer...". Brincadeiras à parte, deu pra sentir o altíssimo nível dos cinco componentes, embora nossa maior atenção fosse para a atuação de Liam, que na verdade acabou roubando o show. Todos ao final comentavam a performance daquele "careca estranho..."

A WORKSHOP

No dia seguinte, estava programada uma clínica (workshop) onde os membros do EDQ estariam à disposição dos músicos brasileiros, partilhando de seções e discutindo técnicas e instrumentos, tudo muito informal. E lá fomos nós, gravador em punho, tentar conseguir uma entrevista com o Liam. Devidamente acompanhados pelo Paulinho (nosso intrépido intérprete) e do Cássio (God Bless them!), conseguimos a reportagem. Isso nos foi muito gratificante, não somente pela obtenção do furo, mas também por conhecer uma pessoa realmente interessante e sobretudo, muito simpática: Liam Genockey, um gentleman. Thanks a lot, Liam!

Vamos à entrevista:

Into the Purple: Como você entrou para a banda Gillan?

Liam Genockey: Meu primeiro contato foi através de Colin

Towns, o pianista. Ele me convidou para fazer uma gravação em estúdio e me perguntou se poderia encontrar um baixista e um guitarrista. Foi então que convidei John McCoy que tocava comigo desde 72. Convidei também o guitarrista Steve Bird, que também tocou no álbum japonês (Nota nossa: ele se refere ao álbum "Gillan", o primeiro, que só saiu no Japão) e tocamos em dois Festivais.

ItP: Vocês tocaram juntos ao vivo?

LG: Sim, no Festival de Reading. Towns depois institui para que eu ficasse na banda, mas eu não quis.

ItP: Por que, não era seu estilo?

L.G: Não, não fiquei porque tinha outros compromissos com outros grupos. Na época eu tocava na Terval Watts Moire Music com o qual já tinha um disco. Também trabalhei com Gerry Rafferty. Eu disse a ele então que eu não poderia tocar com ele o tempo todo devido a esses compromissos. Eles então modificaram a banda, pois Steve Bird também saiu.

ItP: Então foi por isso que você aparece apenas na faixa "Fighting Man" do "Mr. Universe". Você se lembra dessa faixa?

L.G: Sim, eu me lembro. É uma longa faixa, bem lenta e eu não encontrei com o Gillan durante a gravação, a base foi gravada antes dos vocais. Uns dias depois, durante a mixagem, entrei no estúdio e ele estava lá sentado. Gillan me disse: "Hello, gostei muito do seu trabalho" e eu agradecei.



LIAM GENOCKEY
(Bateria, Percussão)

Nasceu em Dublin, Irlanda. Tem tocado bateria principalmente no campo da música popular, com artistas como Ian Gillan, John Martyn e Gerry Rafferty. Começou a tocar música improvisada em 1976 com Trevor Watts, Keith Tippett e Elton Dean. Tem gravado e trabalhado em radiodifusão com vários grupos, e é considerado um músico de incrível bom gosto e grande versatilidade.



ci. Me dou bem com ele.

ItP: Quando Gillan desmanchou sua 'da, John McCoy deu uma entrevista à Kerrang. Você tem mais detalhes?

L.G: Não, eu não tenho mais detalhes. Eu acho que o que aconteceu na banda foram problemas políticos internos. Problemas entre as composições, que estavam entre McCoy, Towns e Gillan e também quanto ao dinheiro envolvido. Houve um desentendimento sobre para onde estava indo este dinheiro.

ItP: O que você pode nos dizer sobre o Deep Purple?

L.G: A primeira vez que encontrei o Deep Purple foi em 72. Eu e John McCoy tocávamos numa banda chamada The Curtiss Maldoon. Era uma banda de country rock (Nota nossa: por aí vocês pode notar o ecletismo do baterista: country, heavy, jazz...), no estilo dos Everly Brothers. Esses dois caras, David Curtiss e Clive Maldoon conheciam o empresário do Purple. Foi então que excursionamos com o Deep Purple abrindo o show deles.

ItP: (Espanto Geral) - Vocês abriram o show do Purple?

L.G: Sim, exato.

ItP: E o que você acha deles?

L.G: "I love Ritchie Blackmore. Fantastic Guitar!". Meu álbum favorito é o In Rock.

ItP: Nós também! E Ian Paice?

L.G: Gosto muito também. Ele é muito original no Heavy Metal. Toca com muito sentimento. Encontrei com ele algumas vezes.

ItP: Você ainda tem contato com eles?

L.G: Não, só do John McCoy. Eu me dou muito bem com ele. É meu "irmão".

ItP: E o que ele está fazendo última-

mente?

L.G: Produzindo algumas bandas. Quando eu voltar devemos fazer algumas coisas juntos, talvez uma gravação.

ItP: E sobre o Heavy Metal? O que você acha?

L.G: Eu gosto, tem muita energia. Há algo porém que eu não gosto. Aqueles braceletes, pulseiras e todas aquelas coisas. São muito agressivas e eu não gosto de agressão. Mas eu ainda toco rock. Eu gosto de sua energia.

ItP: Sentimos que você tem essa energia!

E sobre o Brasil? O que você achou?

L.G: Eu não gostava do Brasil. Não concordava com essa concentração de dinheiro só na mão de alguns. Mas parece que está melhorando e depois dessa excursão, estou adorando aqui.

ItP: Tivemos aqui no Brasil o Rock 'in Rio, inclusive com a presença do Whitesnake. Mas, por que as bandas não vêm mais vezes ao Brasil?

L.G: Talvez dinheiro. A falta de convite. Viemos tocar aqui a convite da embaixada inglesa.

THE ELTON DEAN QUINTET
(Quinteto Britânico de Jazz)
Workshop para músicos de jazz e aberto ao público em geral
Entrada franca

Cultura Inglesa Teatro Cultura Inglesa
Rua Deputado Lacerda Franco, 333
- The British Council

Quinta-feira, 13 de março às 16:00 hs

ItP: E qual o treino que você usa, principalmente para a mão esquerda? Sua técnica nos impressionou.

L.G: Eu não pratico. Toco apenas cin-

co minutos por dia, em casa. Um exercício que pratico, às vezes, é tentar fazer com a mão esquerda tudo o que faço com a direita, pois a esquerda tende a ficar preguiçosa. A mão direita é sempre mais forte. É fácil de ver isso no jogo de dardos.

ItP: OK, Liam, obrigado pela atenção e aguarde que mandaremos uma *Intro to the Purple* para sua casa!

L.G: Right, thank you.

Bem, aí nós tratamos de aproveitar o coquetel que estava sendo servido aos músicos. Sim, porque como diz aquele velho filósofo oriental, "Penalti e boca-livre, só perde quem é bobo!".

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA
SALA ESTHER MESQUITA
RUA NESTOR PESTANA, 195 - SÃO PAULO
SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA, SOCIEDADE DE CULTURA INGLESA e CONSELHO BRITÂNICO apresentam
"THE ELTON DEAN QUINTET"
Quarta-feira 12 Março 86 - 21:00 horas

3 Crs 30.000	* Q 20
------------------------	---------------

Iniciada a função, só no intervalo ou entre um número e outro do programa se permite o ingresso na sala de espetáculo



Faz tempo que o Sabbath vem sofrendo trocas de vocalista. Faz tempo que o Glenn Hughes não se estabiliza num grupo (veja mais detalhe na seção - "notas"). Quando Hughes entrou no Sabbath, havia a esperança que as coisas mudassem. Mas, ambos mantiveram suas tradições e Hughes não está mais com o Sabbath. O motivo? Devido um acidente de moto no qual machucou o joelho e não se tratou adequadamente, Hughes vinha tomando muitos "remédios". Isso além de impossibilitar que o ex-Purple ficasse muito tempo em pé, fazia com que sua memória fosse afetada. Desse modo, ele nem conseguia decorar as letras antigas do Sabbath, nem terminar os shows. Infelizmente, Hughes está fora e para seu lugar veio o americano desconhecido Ray Gillan (ôpa! Não, nenhum parentesco com o nosso amigo Ian), amigo do baixista Dave Spitz. A inclusão desta triste notícia em cima da hora (na verdade, um dia antes da revista ser rodada!), deve-se ao Leopoldo Rey, que deu o toque e a quem agradecemos (Valeu, meu!).